

5

## O Córrego de Histórias: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários



Figura 115 - Toquinha, Denise e Vicente  
Foto de Giuliano

*Janela sobre a memória (II)*

*Um refúgio?*

*Uma barriga?*

*Um abrigo para esconder-te quando a chuva te afoga,  
ou o frio te corta, ou o vento te faz rodar?*

*Temos um esplêndido passado pela frente?*

*Para os navegantes com vontade de vento, a memória é um porto de partida.*

*Eduardo Galeano (1993)*

## 5.1 A rede de próximos

Em “A Memória, a história, o esquecimento”, o pensador francês Paul Ricoeur (2007), ao abordar o entrecruzamento entre a memória individual e a coletiva, fala de uma categoria que considero essencial: “os próximos”.

Não existe, entre os dois pólos da memória individual e da memória coletiva, um plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencemos? Esse plano é o da relação com os próximos, a quem temos o direito de atribuir uma memória de um tipo distinto. Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros (p.141).

No processo de arqueologia da memória dos Januários, nos deparamos com a narrativa de muitos “próximos”. Durante as escavações uma rede de “próximos” emergiu composta por Januários que contavam histórias de outros que já morreram mas de quem haviam sido próximos, seja por amizade, seja por laço de parentesco. Esses “próximos” foram testemunhas de muitos Januários, e graças a eles o acervo de contos e imagens da Casa de Memória e Cultura inclui gerações anteriores e possibilita uma rede de memória muito mais ampla.

A ligação com os próximos corta transversal e eletivamente tanto as relações de filiação e de conjugalidade quanto as relações sociais dispersas segundo as formas múltiplas de pertencimento ou ordens respectivas de grandeza. Em que sentido eles contam para mim, do ponto de vista da memória compartilhada? À contemporaneidade do “envelhecer junto” eles acrescentam uma nota especial referente aos dois “acontecimentos” que limitam uma vida humana, o nascimento e a morte. O primeiro escapa à minha memória, o segundo barra meus projetos. E ambos interessam à sociedade apenas em razão do estado civil e do ponto de vista demográfico da substituição das gerações. Contudo, ambos importaram ou vão importar para meus próximos. Alguns poderão lamentar minha morte. Entretanto, antes, alguns puderam se alegrar com meu nascimento e celebrar, naquela ocasião, o milagre da natalidade, e a doação do nome pelo qual, a partir de então e durante toda a minha vida, designarei a mim mesmo. Entrementes, meus próximos são aqueles que me aprovam por existir e cuja existência aprovo na reciprocidade e na igualdade de estima (Ricoeur, 2007, p.141).

A partir desta reflexão de Ricoeur, eu gostaria de pensar na importância dos “próximos” para a Casa de Memória e Cultura. Sem os “próximos”, muitos contos e imagens não estariam hoje apresentados nos estandartes da exposição. Os “próximos” são testemunha, e é diante de seu testemunho que o “quem” se revela

(Arendt, 2004). Eles rememoram e atestam, dão significado, em seus relatos, à vida de seus companheiros de existência. Em nossas oficinas, ouvimos os “próximos” (Toquinha, Zé Barba, Argeu, Dorvalina, Conceição, Nestor etc.) compartilharem suas memórias e trazerem para o presente histórias de Seu Izalino, Sebastião Lau, Tia Fiinha, D. Mariquinha e tantos outros, possibilitando que as margens de memória do Córrego dos Januários se alargasse muito mais.

As narrativas dos “próximos” fazem um elo com o passado, mas também com o presente e o futuro. Durante as oficinas de fotografia e memória, foi possível compreender que a grafia do olhar é marcada pela importância dos “próximos” (Ricoeur, 2007) de hoje para os fotógrafos. Em todos esses “focos”, há uma afirmação do outro, de sua existência:

A aprovação mútua exprime a partilha da afirmação que cada um faz de seus poderes e de seus não-poderes, o que chamo de atestação em Si *mesmo como um outro*. O que espero dos meus próximos é que aprovelem o que atesto: que posso falar, agir, narrar, imputar a mim mesmo a responsabilidade de minhas ações. (...) Por minha parte, incluo entre meus próximos os que desaprovam minhas ações, mas não minha existência (p.142).

No projeto “Carta para-ti”, muitos postais dos Januários são escritos por “próximos”. A oficina de esteira de taboa organizada por Dedé é narrada pela filha Maria José. D. Maria Alexandre, filha de seu Geraldino, assina o postal onde descreve a cena de seu pai se vendo na foto com a bisneta Brenda. As broas na folha de bananeira estão sobre o abano de Regina, mãe de Elizete, que nos lembra daquele dia em abril de 2001 quando a comunidade rememorou algumas de suas tradições. Nizinha escreve sobre o aconchego e as lembranças da tapera de sua avó Fiinha.

Sem os “próximos” não seria possível construirmos o acervo da memória coletiva do povoado. Mas em nosso trabalho, uma outra rede de próximos também se tornou essencial no processo de consolidação da Casa de Memória: os “próximos” da pesquisadora.

O projeto “Carta para-ti” transcorreu durante o ano de 2007, e nossa próxima etapa era organizar todo o material dos contos e imagens e criar uma forma de apresentação na casa cedida pela família de Toquinha para ser a Casa de Memória e Cultura. Precisávamos de ajuda para pensar nos materiais possíveis para expor uma enorme quantidade de fotos, postais e histórias numa casa

pequena, com poucas paredes, mas muito aconchegante. Percebemos que, assim como a participação de Luiza Kramer foi fundamental para a realização e o sucesso do “Carta para-ti”, precisávamos mais uma vez de ajuda e do diálogo interdisciplinar.

Até aqui, as serestas organizadas por Dorvalina, irmã de Toquinha, haviam rendido algum dinheiro para pequenos reparos e para a pintura da casa. O desafio daquele momento estava apresentado, e era urgente encontrarmos uma solução: quem nos ajudaria no desenhar dessa exposição permanente e como conseguiríamos verba para essa etapa final e crucial do trabalho?

O nome do professor do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, Luis Vicente Barros<sup>30</sup>, se anunciou em setembro de 2007, nos jardins da Casa de Rui Barbosa, por meio de Nathercia Lacerda<sup>31</sup>. Depois do encontro com Nathercia, fiquei atenta ao nome de Vicente e descobri que minha “próxima” Cristina Porto o conhecia.

Começava a nascer uma parceria vital para que a Casa de Memória e Cultura pudesse se concretizar. Vicente, além de um enorme talento para lidar com materiais alternativos como bambu, trazia em sua bagagem uma boa experiência com trabalhos em comunidades, entendendo que era o processo coletivo que nos interessava desde o início na criação e materialização do espaço de memória. Mas o apoio financeiro continuava sem solução. Seriam necessárias viagens de Vicente para Minas, assim como todo o material necessário para organizarmos o acervo da Casa de Memória e Cultura. Vicente então propôs um encontro com o professor Augusto Sampaio, vice-reitor comunitário da PUC-Rio, para apresentarmos o projeto e pedirmos recursos. Ele nos recebeu muito bem e aceitou nos ajudar. No segundo encontro, Toquinha também foi à reunião, e lá tivemos uma grande surpresa diante do relato do professor Augusto ao mencionar uma “próxima” de sua esposa, D. Ângela Sampaio. Mas para entendermos melhor

---

30 Luis Vicente Barros (32 anos) é professor da disciplina eletiva Tópicos Especiais em Design XV, oferecida aos alunos de graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que tem como foco a utilização do bambu em construções coletivas. Vicente teve em sua formação uma longa experiência no Laboratório de Investigação em Living Design (LILD), coordenado pelo professor José Luiz Mendes Ripper.

31 Eu estava assistindo ao seminário anual sobre casas-museus na Casa de Rui Barbosa quando no intervalo para o café conheci Nathercia Lacerda. Durante uma conversa totalmente casual, lhe falei do projeto da casa de memória em Minas e da minha busca por parceria para consolidar o projeto. Depois de algumas explicações, Nathercia me disse com muita segurança: “Eu sei quem vai poder te ajudar: o professor Luis Vicente de Barros.”

o impacto que a “próxima” evocada pelo professor Augusto produziu em nós é preciso que falemos um pouco da origem da cidade de Inhapim e a relação dos antepassados de Toquinha com essa história.

## 5.2 Assim nos contaram



Figura 116 - Outdoor em Inhapim

O *outdoor* numa via pública do centro da cidade é a única referência à memória do tetravô de Toquinha, Joaquim José Ribeiro, um personagem fundamental da história de Inhapim. Em meio a propagandas diversas, encontramos um tímido registro da fundação de Inhapim, em 1865, e o nome de seu fundador.

Durante nosso processo escavatório, ao seguirmos as pistas da memória do Córrego dos Januários nos deparamos com a história de Joaquim José Ribeiro, o fundador da cidade, por meio do precioso material de pesquisa elaborado por Antonieta Oliveira de Souza, Silvia de Oliveira Lucas Silva, Lourdes Eva de Oliveira e José Áureo de Aquino.



Figura 117 - Denise e Toquinha no cartório de Inhapim

Figura 118 - Toquinha e Silvia Lucas com material da pesquisa em 2005

Nosso contato inicial com esse material se deu no Museu Casa do Bentoca, em abril de 2001, na pasta “Família Januário”. Essa pesquisa, feita por meio de valiosos depoimentos reunidos com o título “Assim nos contaram...”, demonstra a importância da história oral na reconstrução da memória de um povo. O historiador britânico Paul Thompson (1992), profundo estudioso da história oral, nos diz que

A relação entre a história e a comunidade não deve ter mão única em qualquer dos dois sentidos: antes, porém, ser uma série de trocas, uma dialética entre informação e interpretação, entre educadores e suas localidades, entre classes e gerações. Haverá espaço para muitas espécies de história oral e isso terá muitas consequências sociais diferentes. No fundo, porém, todas elas se relacionam (p.41).

Desde então, muito caminhamos em nosso trabalho de escavação da memória do Córrego dos Januários. Em abril de 2003, realizamos a oficina de memória na Escola Municipal Elias Januário (sede), que trabalha com a 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental. Convidamos para o encontro D. Isabel, Seu João Minanha, pais de Lúcia, professora da escola, e D. Marlene, antiga professora. Nosso objetivo era valorizar o diálogo entre as gerações e contar a história da Família Januário, que estava sendo escrita por Toquinha.

Toquinha começou a escrever uma história movida pelo desejo de um encontro marcado com o passado. Foi em busca das pistas que pudessem dar asas à sua imaginação e encontrou os primeiros fios que conduziram a escrita dos contos e imagens da “Família Januário” no Museu Casa do Bentoca. Mas uma história, para ser mesmo uma verdadeira história, precisa sair das gavetas, das prateleiras, dos arquivos, enfim, sair de seus esconderijos e participar da vida. O desafio é saber compartilhar com seus ouvintes seus segredos e criar os meios de

revelar sempre outras histórias, sem nunca ter fim. Uma história puxa outra, e assim, entre narradores e ouvintes, a vida vai se tecendo, enredada nas palavras de uns e de outros.

**Toquinho:** *Eu vou contar pra vocês agora como é que foi formado, como é que surgiu o Córrego dos Januários. Naquela época as moças eram muito prendadas...*

**Jardel:** *Diz a Tia Dedé que se não soubesse costurar, não soubesse cozinhar e fazer sabão, não casava.*

**Toquinho:** *É verdade.*

**Marceni (28 anos, professora):** *A minha sogra fala também que tinha que saber arrumar, matar um porco lá, né, e arrumar ele todinho, porque senão não podia casar de jeito nenhum.*

**Ronildo (11 anos):** *A minha mãe ela faz sabão, de abacate.*

**Ricardo:** *Então eu posso casar à vontade, porque eu sei cozinhar.*

**Toquinho:** *Em 1952, Sebastião Tomé de Medeiros (Tio Sebastião Lau) doou terra para a construção do que é hoje a escola anexa.*

**Marlene:** *É que a escola que ele fundou chamava escola Joaquim Ribeiro, né? Aí depois, aí não existia essa escola aqui não, só aquela lá de baixo. Era escola multigraduada, tudo misturado, sabe? Era assim. Aí fundaram essa escola aqui, por meados de 1963, por aí. O povo também tinha necessidade de escola, que tinha só a lá de baixo, então, aí fundou essa escola aqui. Foi o deputado Altair Chagas que fundou. A Maria Antônia foi a primeira professora, e essa escola passou a se chamar Escola Estadual Elias Januário. E aí, pra não desmembrar, não sei como é que foi lá, anexou a de lá a essa aqui. Tem essa sede e a de lá anexa.*

**Toquinho:** *Por isso então que eu não entendia: por que a primeira foi construída lá e por que que essa daqui que era a sede? Eu queria entender por quê, né? Ah, então foi por isso?*

**Marlene:** *Foi por isso. Porque essa escola aqui ficou sendo escola estadual e a de lá era escola rural, entendeu?*

**Denise:** *Vocês sabem o que é história oral?*

**Jardel:** *História contada.*

**Denise:** *Exatamente. Esse é um exemplo de história oral. Marlene está contando uma história que não está nos livros, que ela sabe porque viveu uma época que a gente não viveu. Que vocês não viveram.*

**Dayane (9 anos):** *De antigamente.*

Toquinho gravou os comentários de Marlene para escrever na história dos Januários. Afinal, é assim que essa história é tramada. Cada um dá um ponto, borda um pedacinho do texto e, durante cada narrativa, experiências são ressignificadas e compartilhadas.

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que

fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (Thompson, 1992, p.22).

Em junho de 2003, voltamos à Escola Estadual Elias Januário. Toquinho reuniu as crianças para falar sobre o seu livro *Dicionário de Lembranças*, e de como se transformou em uma leitora apaixonada, contadora de histórias e depois escritora. Em seu relato, a escritora fazia uma ponte entre o livro e as histórias que ouvia quando menina, valorizando ao mesmo tempo a narrativa oral e a escrita. Além disso, seus contos são todos inspirados no Córrego dos Januários, o que possibilita uma identificação total dos leitores e ouvintes dali.

Toquinho falava de sua paixão pela leitura e pela escrita, e demonstrava sua especial estima pelos contadores de histórias que durante toda a sua infância alimentaram o seu imaginário. Falou também de seu amor por aquela terra e por toda aquela gente, suas raízes, seu presente e seu futuro. As crianças estavam diante de uma escritora de verdade, nascida ali mesmo e que escrevia histórias daquele lugar. As perguntas vinham de todos os lados, revelando a espontaneidade e a sinceridade infantil em conhecer os caminhos que nos levam a nos tornar uma espécie de porta-voz dos sonhos coletivos por meio da escrita.



Figura 119 - Toquinho sendo entrevistada pelas crianças

**Dayane:** De que que fala o livro? Você faz isso aqui, as letras, de quê?

**Rafael:** Mas como que a gente pode escrever um livro grande desse?

**Carlos:** Toquinho, como você começou a escrever o livro?

**Felipe:** Custa quanto?

**Ricardo:** Toquinho, mas como é que a gente não erra nos livros?

**Carlos:** O primeiro livro que você fez, ficou com você ou levaram?

Dessa conversa surge a cumplicidade entre a narradora e seus ouvintes e a idéia de que as crianças deveriam se fazer presentes nesse livro por meio de seus desenhos, ilustrando os relatos de Toquinho sobre a história da família Januário. Imagens e palavras foram, pouco a pouco, constituindo um texto único, uma história com vários autores. As crianças, de ouvintes, tornaram-se co-autoras, e esse livro aconteceu assim, do desejo de lembranças<sup>32</sup>.

Durante toda a nossa pesquisa, nos demos conta de como são imprevisíveis as trilhas da memória. Em abril de 2008, entre muitas idas e vindas, nos reencontramos de forma inesperada com a pasta da história da família Januário que fica guardada no Museu Casa do Bentoca, e fomos novamente remetidos a Inhapim e seus guardiões da memória.

Durante uma reunião em que tratamos do apoio da Vice-Reitoria da PUC ao nosso projeto da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários, o professor Augusto nos contou que, ao falar com sua esposa, Maria Ângela Sampaio, sobre nosso projeto, ela lhe disse ter trabalhado no IRB<sup>33</sup> com a inhapinhense Stella Matutina muitos anos atrás.

Imediatamente Toquinho se lembrou de Stella, a guardiã do Museu Casa do Bentoca, que nos recebera em nossa primeira visita em abril de 2001. Esta revelação foi surpreendente: o surgimento de uma personagem inhapinhense conhecida e admirada por seu enorme zelo pela história da cidade enquanto tratávamos da viabilização de nossa Casa de Memória. Num dos seus últimos escritos, fica evidente a tarefa de memorialista que Stella assumiu com rigor:

---

<sup>32</sup> O livro *Família Januário* com texto de Toquinho, ilustrado pelas crianças e projeto gráfico elaborado por Aline Jobim, faz parte dos livros do Clubinho de Leitura da Casa de Memória e Cultura.

<sup>33</sup> IRB é o Instituto de Resseguros do Brasil, criado por Getúlio Vargas em 1939.



Figura 120 - Stella Chagas

Nasce mais uma estrela no firmamento literário de Inhapim. Partindo do polêmico Pão Alheio de Maria Portugal, em 1940, vários contemporâneos nossos se lançaram na aventura de escrever e publicar um ou mais de um livro. Pela minha memória desfilam os nomes de Heitor Moreira, Alan Viggiano, Anatólio Chaves, Rosângela Vieira Rocha, Néelson Carlos Teixeira, Carmo Chagas, Maria de Lourdes Souza, Therezinha Oliveira Aleixo da Silva (dona Teresa Aleixo) e seu filho Jorge Aleixo, Moacir Viggiano, Edna Rezende, Milton Mariano, Pe. Geraldo Homem de Faria, Neuraci Hébio Vieira e Maria Mazzarello Cimini Martins Faria<sup>34</sup>.

Resolvemos que, em nossa próxima viagem, seguiríamos os rastros de Stella, que falecera em 2004. Alguns dias depois, estávamos em Inhapim, onde Áurea Chagas nos contou das novidades do museu e do livro *Cantinho da Saudade*, uma coletânea de crônicas escritas por Stella – publicadas no jornal *Oficina de Idéias* –, organizada por Aloysius Gentil, Ani Lacerda, Áurea Chagas, Gabriel Côrtes e Nádia Rocha.

Nossa cadeia de próximos nos levava a Vicente que nos apresentou ao professor Augusto. Mas como poderíamos imaginar que este nos levaria de volta a Inhapim e à emblemática personagem Stella Matutina Chaves?

Em *Cantinho da Saudade* (Chaves, 2007), encontramos uma crônica intitulada “Os fundadores”, em que Stella fala da fundação da cidade de Inhapim e dos antepassados de Toquinha:

Neste último mês do século 20, é bom recordar e também é justo que se preste uma homenagem ao homem que fundou Inhapim há 134 anos, no século passado. Pesquisadores da nossa história apontam a família Januário, tendo à frente Joaquim

---

<sup>34</sup> Foto de Stella extraída do livro *Cantinho da Saudade* e trecho do prefácio escrito por Stella M. Chaves para o livro de Áurea Chagas *Odisséia e Sonho*, em que Stella presta homenagem a Aurinha e aos demais escritores da cidade de Inhapim (abril de 2004).

José Ribeiro, como a fundadora de nossa cidade. Entretanto, Joaquim José Ribeiro, o patriarca, não era Januário. Ao casar sua filha Mariana Rosa, com Joaquim Januário de Souza, integrante do grupo que o acompanhou para estas paragens, ele deu início à saga dos Januários. Os descendentes desse casal habitam até hoje o córrego dos Januários (p.102).

Nesta viagem de maio de 2008, fomos também ao Museu Casa do Bentoca, onde Elaine Chagas nos falou do museu e nos mostrou a pasta da família Januário, agora mais completa, com informações e fotografias fundamentais para nossa pesquisa – que, mediante nossa solicitação, prontamente atendida, foi digitalizada e hoje faz parte do acervo da Casa de Memória e Cultura.



Figura 121 - Elaine com a pasta da Família Januário no Museu Casa do Bentoca em Inhapim

Finalmente estava todo o material reunido. Fechava-se um ciclo. O material que nos fornecera as primeiras informações históricas era também o de conclusão, o elo que faltava.

De volta ao Rio de Janeiro, nos reunimos novamente com o professor Augusto e lhe demos o livro de Stella Matutina Chaves, publicado por seus amigos em novembro de 2007.

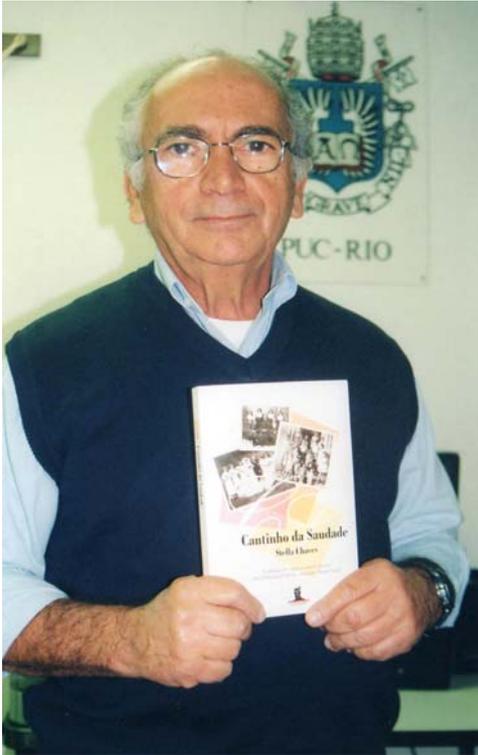


Figura 122 - Prof. Augusto Sampaio com o livro *Cantinho da Saudade*

Ficamos gratas a todos esses personagens e histórias que se entrelaçam e possibilitam que essa história prossiga. Memória, escavação e construção. Continuamos fazendo a história presente de mãos e “olhos dados” com o passado e o futuro.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o seu campo de ação. Admite heróis vindos não só de dentro os líderes mas dentro a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história (Thompson, 1992, p.44).

### 5.3

#### A nascente do Córrego e o rio subterrâneo

*A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.*

*(Le Goff, 2003, p.47)*

Como disse anteriormente, o livro *Família Januário*<sup>35</sup>, escrito por Toquinho com ilustrações das crianças, foi elaborado em nossas oficinas em 2003:

Era uma vez uma família que vivia numa fazenda na cidade de Mar de Espanha, Minas Gerais. Família numerosa que vivia muito unida. Por volta do ano de 1865 estava acontecendo a Guerra do Paraguai. O pai, Joaquim José Ribeiro, e a mãe, Maria Joana de Jesus, ficaram muito assustados e, com medo de que seus filhos fossem chamados para lutar na guerra. Tempos difíceis aqueles. A mata era cheia de perigos. Naquele tempo havia muitos bichos grandes e a onça era um dos mais temidos. E era preciso encontrar um novo lugar para morar (Souza, 2008, p.7).

Mas foi só em 2005, depois de um sonho, que fui rever esses escritos e prestar atenção no significado histórico da Guerra do Paraguai<sup>36</sup>. Como aconteceu no encontro com Janus bifronte, um sonho despertou a pesquisadora para um tema que até então não tinha aparecido no solo de memória dos Januários: a escravidão.

*Sonhei que estava na sala da minha casa e cantava só um trecho da música de Ary Barroso, Aquarela do Brasil: Abre a cortina do passado, Tira a mãe preta do cerrado, Bota o rei congo no congado.*

*Enquanto cantava, olhava para o lado e via uma máquina de costura coberta com grafismo africano. No pé da máquina, canecas de café.*

Tive esse sonho em 2005. Acordei com a sensação de que mesmo não entendendo o porquê, a costura desses conteúdos passaria pela África. Mais uma vez, o sonho “me fez andar” (Certeau, 1994) Em pesquisas motivadas pela

---

<sup>35</sup> O livro com projeto gráfico de Aline Jobim, faz parte de uma edição de apenas dois exemplares impressos para o acervo da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários.

<sup>36</sup> Vários historiadores abordam a relação entre o alistamento militar na Guerra do Paraguai e os escravos no Brasil, como por exemplo Eduardo Silva (1997): “No Império, como na Colônia, o serviço militar não era obrigatório. Para a formação e manutenção do efetivo, recorria-se, principalmente, ao recrutamento forçado nas camadas mais humildes da população, constituídas, sobretudo, de negros, índios e miscigenados. (...) Quando da Guerra do Paraguai, muitos escravos aceitaram, como facultado por lei, partir para a guerra no lugar de seus senhores, ou dos filhos dos seus senhores, em troca da liberdade. O alistamento militar foi um recurso muito utilizado, tanto para legitimar fugas como para garantir casa e comida” (p.38, 42).

presença onírica da mãe preta, descobri a existência de uma estátua ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo. Obra do escultor Julio Guerra, a estátua “Mãe Preta” foi inaugurada em 1955 em homenagem a todas as escravas que foram amas-de-leite de crianças brancas e negras.

Mas a própria localização da estátua reforçava a presença de uma corrente subterrânea que aos poucos emergia. Paissandu é uma cidade no Uruguai, e a tomada de Paissandu foi uma importante conquista brasileira na Guerra do Paraguai.



Figura 123 - Estátua “Mãe Preta” de Julio Guerra ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em São Paulo (Foto de José Américo Lopes<sup>37</sup>)

Na primeira semana de agosto do mesmo ano, estive em São Paulo e fui até o Largo do Paissandu. Fiquei decepcionada ao ver a estátua “Mãe Preta” tão abandonada, cercada de lixo por todos os lados. Vi também muitos meninos procurando comida no lixo. A imagem que me chegava aos olhos naquele instante era muito mais que a de um monumento abandonado, como existem tantos outros pelas cidades brasileiras: era a do próprio abandono. Se a mãe preta é símbolo de acolhimento e nutrição, o que se vê ali é o abandono de seus filhos até hoje sem colo, sem abrigo e sem nenhum vislumbre de futuro.

<sup>37</sup> José Américo é paulista e fotógrafo e me acompanhou nas duas vezes em que estive na Igreja Nossa Senhora do Rosário. Esta foto foi feita em maio de 2006, quando retornei para fotografar a estátua.

O tema da Guerra do Paraguai também fez a pesquisadora lembrar... Quando era criança, me lembrava de ouvir os adultos comentarem que meu bisavô havia sido prefeito de Ribeirão Preto e médico na guerra do Paraguai.

Essa memória provocada pelos escritos de Toquinho e da pesquisa do museu Casa do Bentoca me levaram a pesquisar sobre Joaquim Estanislau da Silva Gusmão, meu bisavô paterno. Navegando no *site* da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, me deparei com uma memória que nunca circulou na família e que para mim tinha um valor bem maior que todas as outras. Se na rede onírica o tema da escravidão se apresentou, foi na outra rede que encontrei o abolicionista Joaquim. Navegando, descobri que meu bisavô era presidente da Câmara dos Vereadores quando, no dia 3 de agosto de 1887, a Câmara aprovou a libertação dos escravos em Ribeirão Preto.

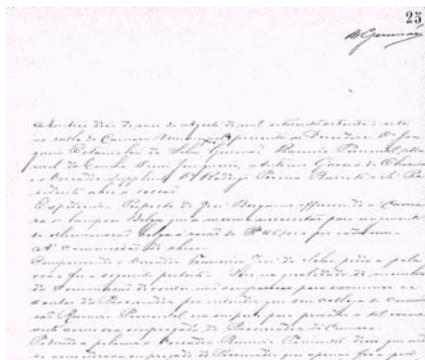


Figura 124 - Joaquim e minha bisavó Edwiges Carolina

Figura 125 - Ata: “Movimento da libertação dos escravos” de 3 de agosto de 1887<sup>38</sup>

O encontro com Joaquim revelava os temas que haviam emergido como enigma da memória e da própria nascente do Córrego dos Januários. Meu bisavô trazia em sua história tanto uma participação na Guerra do Paraguai quanto um envolvimento político na questão da libertação dos escravos, como mostrou o “Você sabia”<sup>39</sup> do *site* da Câmara de Ribeirão Preto no dia 24 de abril de 2006.

Joaquim morreu quando meu avô tinha apenas dois anos, e isso poderia explicar o nosso desconhecimento sobre ele. No entanto, estranhei que uma

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/camara/historia/doctos>>.

<sup>39</sup> “Você sabia? A quinta legislatura de Ribeirão Preto foi eleita em 25 de março de 1887. A posse dos nove vereadores que legislaram de 7 de janeiro de 1887 a 7 de janeiro de 1890, foi no dia 25 de abril de 1887. Ribeirão Preto participou da libertação dos escravos antes do restante do país. No dia 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, libertando todos os escravos o Brasil. Mas, já no ano anterior, no dia 3 de agosto, a Câmara de Ribeirão Preto aprovou, por unanimidade, a libertação dos escravos em Ribeirão Preto. Por isso foi criado o “Livro da Redenção”, para ser assinado pelos proprietários que desejassem libertar os seus escravos”.

família que sabe que Joaquim foi para a guerra por volta de 1865 não tenha notícias de seu envolvimento num evento de tamanha importância como a libertação dos escravos e que aconteceu quase vinte anos depois do final da guerra. O que faz uma história não ser contada? Ainda que percebendo uma certa bruma envolvendo a história descortinada nas minhas navegações pela internet, era impossível não deixar de enxergar o tema da escravidão<sup>1[5]</sup> no Brasil emergindo e pedindo passagem.

Ao começar a organizar o acervo do Córrego dos Januários, me deparo com arquivos pessoais nunca antes visitados. Barrados, interditados? Talvez. O que sei é que nessa coleção me encontro em cena, e à medida que caminho por esse desvio, que enfrento e abro as janelas para esse desconhecido, vou acessando uma memória maior, coletiva. Compreendo, com Halbwachs (2004), o quanto a consciência individual “é o ponto de encontro dos tempos coletivos” (p.134).

Durante todo o processo de escavação do solo de memória dos Januários, não nos deparamos com a possibilidade de o tema da escravidão estar relacionado com a nascente do Córrego. No entanto, as lembranças e descobertas de minha história pessoal entrecruzadas com o sonho me faziam olhar para a história da Família Januário por um prisma novo, e me faziam pensar se não estaríamos adentrando em camadas de memória mais subterrâneas.

Segundo Halbwachs (2004), a memória de uma sociedade estende-se até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta, e se afastam da consciência do grupo porque deixam de circular. A memória ligada ao tema da escravidão e dos índios não circula no cotidiano do Córrego dos Januários. Mas por que isso se dá? Em parte, como diz Halbwachs (p.89), talvez porque os grupos que retinham essa memória, que guardavam essas lembranças, desapareceram. Mas pode haver outra razão. Essa pode ser uma memória recalcada, subterrânea. Fatos não se solidificam ou silenciam por acaso. Para Pollak (1989), há um processo de disputa entre a memória oficial e a “memória subterrânea”:

Não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. (...) A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (p.4-8).

Ao conversar com Toquinha sobre o assunto, ela me disse que seu primo Daniel Arcanjo falara com ela, certa vez, sobre seu interesse na origem de Joaquim José Ribeiro e em hipóteses que ele levantara sobre o tema da escravidão relacionado com essa origem. Toquinha me disse que, como ele não encontrava escuta e interesse em outros membros da família, ficou solitário com suas reflexões.

Conheci Daniel<sup>40</sup> em dezembro de 2007. Ele foi especialmente ao Córrego para conversarmos quando Toquinha lhe disse do meu interesse em suas pesquisas, e percebi que Daniel encontrara nessa interlocução um espaço para conversar sobre um tema que parecia não interessar a mais ninguém.

Daniel Arcanjo elaborou, com base em pesquisas históricas e em suas observações, algumas hipóteses na tentativa de subir a nascente do Córrego e ir mais além no tema que o intrigava e que também havia sido abordado por Stella Chaves (2007), a memorialista de Inhapim, em sua crônica “Os Fundadores”:

Que motivo teria levado Joaquim José Ribeiro e sua esposa Maria Joana de Jesus, pais de 15 filhos, 8 moças e 7 rapazes – ao sair de Mar de Espanha-MG, onde desfrutavam de uma vida tranqüila, e se embrenharem na mata? A guerra do Brasil com o Paraguai – 1864 a 1870 – foi a causadora de tamanha aventura. Apavorado com a possibilidade da convocação de seus filhos homens para a guerra, Joaquim José tratou de escondê-los (p.102). Em 1865, comprou três sesmarias de João Caetano do Nascimento, o fundador de Caratinga. (...) Um de seus irmãos, Manoel Ribeiro, veio se unir ao grupo na grande aventura (p.102).

Durante a conversa com Daniel, pude constatar que ele havia organizado sua pesquisa em torno de algumas perguntas: por que a fuga de Mar de Espanha na época da guerra e como Joaquim José Ribeiro possuía dinheiro para a compra das terras que deram origem à cidade de Inhapim? Como se dialogasse com Stella, Daniel Arcanjo<sup>41</sup> argumenta:

*Quando falamos do desbravamento da região de Inhapim, em 1865, por Joaquim José Ribeiro e familiares a história registra que o motivo principal para essa*

<sup>40</sup> Daniel Arcanjo, 40 anos, é analista de sistemas e mora em Caratinga, cidade próxima de Inhapim. Durante o processo de escavações da memória dos Januários, não o conheci. Seu nome só foi mencionado por Toquinha a partir do sonho e de nossas conversas sobre a história da “Família Januário” durante a elaboração do livro com as crianças.

<sup>41</sup> As citações de Daniel fazem parte de um texto escrito por ele depois de nossa conversa quando Toquinha e eu o estimulamos a sistematizar suas reflexões e pesquisas. Optamos por deixar o registro escrito de Daniel na sua forma original, deixando ao leitor a possibilidade de preencher lacunas e indagações inconclusivas presentes no seu relato.

*empreitada foi a Guerra do Paraguai. Porém há que se resgatar os reais motivos desta fuga, pois Ribeiros e Januários com essa saga desbravadora provaram ser muito mais do que fugitivos de uma guerra. Joaquim José Ribeiro bem como seu irmão Manoel Ribeiro eram de cor negra. Podemos chegar a esta conclusão por causa da cor de pele dos descendentes (cor parda) e fotos dos Januários que se apresentam com cor de pele branca bem como cor de pele dos descendentes de Manoel Ribeiro (parda) que moram, nos dias de hoje na cidade de Caratinga. Por que fugir da Guerra? A violência desta guerra poderia ser motivo plausível, porém não acredito ser este o principal motivo. Os Voluntários da Pátria eram organizados em batalhões que incluíam maciçamente negros alforriados e negros escravos. Portanto era justa a preocupação de Joaquim José Ribeiro ter seus filhos e sobrinhos de cor negra, parda, na condição de pessoas livres, lutando em uma guerra que não era a sua guerra, ele sabia que pelas condições de cor seus filhos seriam discriminados e com certeza colocados na linha de frente de batalha. Mas como um Patriarca de cor negra ou parda em pleno regime de escravidão consegue comprar três sesmarias de terras? Bem, analisemos o seguinte, era de certa forma comum no período de escravidão homens de cor branca abusarem sexualmente de escravas, sem contudo assumirem filhos gerados nestas condições, porém no caso do Patriarca da família Ribeiro<sup>181</sup> tudo indica que aconteceu o seguinte: algum filho de fazendeiro provavelmente com título de nobreza tenha engravidado escrava de sua propriedade, só que pela religiosidade desta família o mesmo não tenha abandonado filho oriundo deste relacionamento, acompanhando de perto sua educação, seu crescimento para que o mesmo se tornasse culto, educado e independente financeiramente.*

Dois outros temas intrigavam Daniel: por que não havia manifestação da religiosidade africana entre os Ribeiros e Januários e qual a causa da timidez dos descendentes, comportamento também reconhecido por Toquinho, que sempre chamou a atenção para o fato de que todos os Januários são conhecidos na região pela inteligência, destaque nos rendimentos escolares e extrema timidez?

*Como se explica o fato de ser de cor negra e não haver no seio da família Ribeiro Januário manifestação religiosa de cunho africano? Justamente pelo fato de ter sido educado de perto por seu pai nos rigores da fé católica, não permitindo que mãe e filho vivessem a cultura africana. E por que um povo tão tímido até os dias de hoje? Esta timidez penso que pode ser explicada da seguinte maneira, imagine um povo de cor negra, parda que de certa forma tinha educação, cultura e dinheiro, vivendo em uma sociedade de cultura escravocata, deveriam ser discriminados de todas as formas, tinham dinheiro, cultura, boa educação, mas não podiam participar da vida social e política da sua comunidade e este fator talvez tenha contribuído para o grau de inteligência desta família, pois sentindo-se procuravam através dos estudos tornarem cada vez melhores mesmo que inconscientemente, pois Ribeiro Januário não sabe a força que tem, muitas das vezes só descobre isso quando confrontado em outras regiões e situações.*

Daniel reconhece que sua interpretação da história da origem dos Januários pode se modificar diante de outros achados e principalmente diante de

documentos sobre Joaquim José Ribeiro. Ele, Toquinha e Edervanio, depois de nossas conversas, planejam ir a Mar de Espanha, atrás dos rastros do fundador.

A narrativa elaborada por Daniel é uma versão possível da história, mas sem documentação que a sustente. No entanto, nosso objetivo aqui não é chegar à veracidade da história do fundador, mas abarcar, nesse solo polifônico de memória, uma versão construída por Daniel, que não só confere um sentido à saga de José Joaquim Ribeiro como também apresenta uma certa sintonia com o sonho da pesquisadora.

Ao me deparar com meu sonho e com a versão de Daniel para a nascente do Córrego, não pude deixar de sentir um movimento nas camadas profundas do solo de memória do povoado que, ao saírem de um estado acomodado, recalçado, possibilitam que as margens do Córrego se alarguem e possam, quem sabe, no futuro acolher a mãe preta, “tirá-la do cerrado”, pois:

(...) O sonho não permite recuperar somente as coisas; ele permite também recuperar a história. Por ele, o indivíduo se comunica com seu próprio passado, que se cruza em mais de um ponto com a tradição coletiva, conseguindo salvar, do fundo dos tempos, momentos arcaicos significativos, saturados de *agoras*, e portanto totalmente relevantes para o presente (Rouanet, 1990, p.89).

## 5.4 Para que não nos esqueçamos



Figura 126 - Maria das Graças, Rosélia e Toquinha

*Perguntas de um Trabalhador que Lê*

*Quem construiu a Tebas de sete portas?  
Nos livros estão nomes de reis.  
Arrastaram eles os blocos de pedra?  
E a Babilônia várias vezes destruída –  
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas  
Da Lima dourada moravam os construtores?  
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?  
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.  
Quem os ergueu? Sobre quem  
Triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio  
Tinha somente palácios para seus habitantes? Mesmo na lendária Atlântida  
Os que se afogavam gritaram por seus escravos  
Na noite em que o mar a tragou.*

*O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
Sozinho?  
César bateu os gauleses.  
Não levava sequer um cozinheiro?  
Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada  
Naufragou. Ninguém mais chorou?  
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.  
Quem venceu além dele?*

*Cada página uma vitória.  
Quem cozinhou o banquete?  
A cada dez anos um grande homem.  
Quem pagava a conta?*

*Tantas histórias.  
Tantas questões.*

*(Bertold Brecht, 2000, p.166)*

*Quem se disporia a registrar a memória de um povo que não figurava na política, nem na literatura, nem era de muitas posses, como diria meu pai, apesar de nossos antepassados terem sido fundadores da cidade. E eu me perguntava: se somos descendentes dos fundadores da cidade, se fazemos parte da história maior de Inhapim, porque não temos o reconhecimento necessário? Porque não há um monumento público em lugar importante da cidade? Porque não nos destacamos como tal? E eu soube então que escrever a minha história e da minha comunidade era minha responsabilidade.*

*Toquinha*

O filósofo Leandro Konder, no belo artigo “A Poesia de Brecht e a História”<sup>42</sup>, traz uma reflexão sobre o poema “Perguntas de um trabalhador que lê”, que parece dialogar diretamente não só com os depoimentos e escritos de Toquinha mas com toda a sua ação no processo de elaboração da Casa de Memória e Cultura.

São os trabalhadores, segundo Brecht, que poderão promover na sociedade as transformações necessárias, que não se prendem à esfera privada (onde permanece o criado de quarto), mas passam pela luta política organizada, pela ação na esfera pública. Essa expectativa poderia levar o poeta a resvalar, facilmente, para uma idealização do proletário. (...) O trabalhador que o fascina, entretanto, não é aquele que pretensamente resolve o enigma da história (conforme palavras usadas, em outro contexto, pelo jovem Marx): é aquele que, no diálogo com a história, é capaz de interpelar os historiadores com maior radicalidade. O trabalhador com quem se identifica é aquele que se inquieta, que insiste em compreender melhor (mais criticamente) o mundo que anseia por modificar; é o trabalhador que lê e faz perguntas (Konder, 1995, p.28-29).

Mas se a memória da nascente do Córrego, da origem de seu fundador, revelava a possibilidade de um rio de memória mais denso e desconhecido, o que dizer do próprio fundador, Joaquim José Ribeiro? Apesar dos registros escritos sobre ele, a memória não circulava entre os descendentes. A pasta sobre a família Januário no museu Casa do Bentoca não se mostrou suficiente para que os Januários se apropriassem dessa identidade, de sua participação na história de Inhapim. Em torno do tetravô da maioria dos moradores do Córrego, pairava uma nuvem de esquecimento. Estávamos diante de uma memória retraída (Le Goff, 2003), e diante do desabafo consciente de Toquinha percebi que evocar essa memória, fazê-la circular, era necessário. Segundo Le Goff (2003),

<sup>42</sup> O artigo de Leandro Konder fez parte da série “Teoria Política” publicada pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo em abril de 1995. Está disponível em <[www.iea.usp.br/iea/artigos/konderbrecht.pdf](http://www.iea.usp.br/iea/artigos/konderbrecht.pdf)>. Acessado em janeiro de 2009.

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (p.422).

Como dissemos anteriormente, o surgimento de Stella Matutina Chaves, provocado pela memória de Ângela Sampaio, esposa do vice-reitor comunitário da PUC, professor Augusto Sampaio, nos levou novamente à pasta da família Januário e nos possibilitou o acesso a um material fotográfico que Toquinho julgava perdido. Kossoy (2002), numa perspectiva crítica a uma cultura da desvalorização da memória fotográfica, reflete:

Milhões de imagens foram destruídas desde o advento da fotografia, inúmeras em virtude de catástrofes e guerras, porém a maioria certamente, pela própria vontade do homem. Desaparecidos os referentes ficaram apenas as representações. Essas são ainda mantidas pelos descendentes mais próximos, até o momento em que, mais tarde, passam a ocupar demasiado espaço nas casas dos descendentes afastados; em épocas mais recentes essas imagens já se constituem, efetivamente, num estorvo: vidros partidos, fundos dos quadros furados, molduras lascadas; manchas e mofos... Além dos avós jovens na clássica pose da cerimônia matrimonial ou do bisavô na idade do colégio, alguns tios afastados, primos de alguém que alguém da família conheceu, não se sabe bem quem, nem onde..., amigos de amigos, sem nome e sem lembrança. Inúmeros estranhos e mais estranhos co-habitando álbuns danificados e velhas caixas de sapatos onde se amontoam cartas saudosas, e antigas fotografias. Essa gente toda, inquilinos desconhecidos da memória deve ser de alguma forma desalojada, despejada... e o é de várias maneiras: queimada, sumariamente jogada no lixo, vendida em meio a pacotes de jornais velhos, por quilo, ou então arrematada juntamente com bibliotecas para ser vendida por unidade nos sebos ou feiras dominicais, ou adquirida juntamente com o mobiliário das casas pelos antiquários, ou então, desde há muito, perdida nos porões de antigas sedes de fazendas, ou nos armazéns abandonados de fábricas desativadas. Neste processo de deterioração da memória familiar, imagens de pais e filhos, maridos e mulheres, irmãos e parentes se separam definitivamente. Holocausto da representação, ruptura da memória. Entre os sobreviventes da destruição física restam poses e rostos esmaecidos tomados em fundos de quintais desreferencializados. Fantasmas da memória: sem passado e sem futuro.

A fotografia conecta-se a uma realidade primeira que a gerou em algum lugar e época. Porém perdendo-se os dados sobre aquele passado, ou melhor, não existindo informações acerca do referente que a originou, o que mais resta? Uma imagem perdida, sem identificação, sem identidade... sem história (p.128-129).

É numa atitude de resistência a essa tendência diagnosticada por Kossoy que agimos.

O acervo de memória e fotografia que preparamos para fazer parte da Casa de Memória e Cultura traz em seu bojo essa resistência.

Quando fomos preparar o acervo ligado aos ancestrais e pioneiros, nos demos conta da precariedade das imagens, envelhecidas pela erosão do tempo. Não encontramos fotografia do fundador, Joaquim José Ribeiro, mas de dois de seus filhos, Manoel<sup>43</sup> e Silvestre.



Figura 127 - Manoel José Ribeiro

Kossoy (2007) ao refletir sobre o “tempo reciclado”, afirma que imagens como essas que tínhamos em mãos podem, graças a “tratamentos digitais”, reatarem-se ao seu mundo de referências, dando de volta, portanto, identidade e memória a quem delas necessite.

Fui testemunha de um processo de restauração digital dos ancestrais de Toquinha que, entre outros “tratamentos digitais”, tirou o mofo do terno de seu tio bisavô, Silvestre José Ribeiro<sup>44</sup>, o “Tio Doutor”.

---

<sup>43</sup> Manoel José Ribeiro, filho de Joaquim José Ribeiro, veio primeiro para fazer a plantação. Sua esposa, Maria Joana de Jesus, e suas duas filhinhas, Maria Ventura e Claudiana Joana de Jesus, vieram na colheita com seu pai e toda a família. Era seu filho a primeira criança que nasceu em Inhapim. José Ambrósio Ribeiro, e foi batizada em Vermelho Novo. Outros filhos: Manoel Imbé, Francisco Vicente, Augusto, Gervásio e Luiza.

<sup>44</sup> Silvestre José Ribeiro, filho de Joaquim José Ribeiro, casado foi residir em Caratinga. Aprendeu na prática a profissão da medicina, e todos davam-lhe o título de “doutor”. Em Caratinga não havia médicos. Seu filho Sebastião Ribeiro foi farmacêutico; sua filha foi professora e lecionou no Imbé. Sua primeira esposa foi Pacheca; a segunda, Joaquina. Seus filhos: Joaquim, João, Sebastião, Silvestre e Maria. Silvestre ainda vive. Esta fotografia é uma reprodução de seu retrato que foi emprestado por sua neta D. Maria do Carmo.

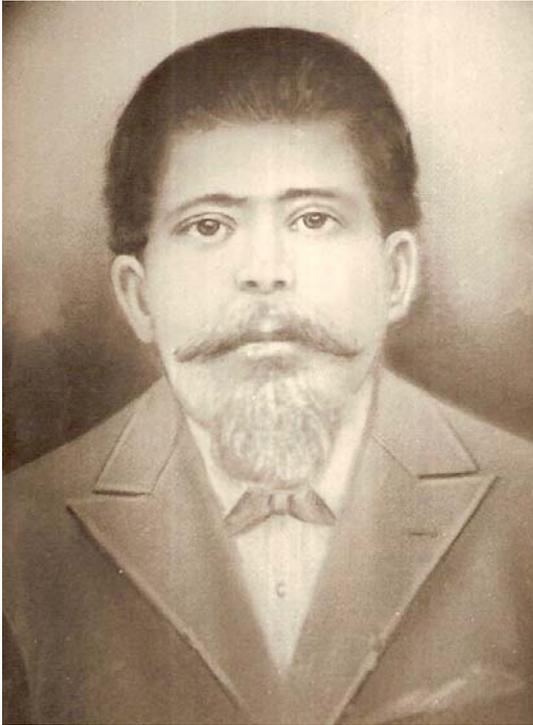


Figura 128 - Silvestre José Ribeiro (“Tio Doutor”)

***Toquinha:** A foto do “tio Doutor” cheia de manchas brancas no paletó exigiu bastante cuidado. Eu aprendi a usar o Photoshop e comecei a “remendar” a roupa dele. Remendar roupas era um hábito e uma necessidade de antigamente, pois não se comprava roupas como hoje em dia, era só nas festas como casamento, Natal e Semana Santa, fora disso era remendar as roupas que rasgavam. Roupa nova ou a melhor roupa era para ir à missa de domingo. E eu agora usava a tecnologia para que meu tio não se apresentasse na nossa Casa mais importante com as roupas rasgadas pelo tempo. Era meu jeito de tirar a poeira e os rasgos da memória, da nossa história. Aquele foi um gesto que depois eu me dei conta de que era muito simbólico. E foi engraçado também, pois no meio de tanto trabalho, de pensar como ia ser isso, aquilo, vai aqui, vai ali, eu tinha que parar tudo e remendar o paletó do meu “tio Doutor”, filho do meu tetravô Joaquim José Ribeiro, o meu ancestral mais antigo de quem se tem fotografia. O “tio Doutor” tratava dos doentes e chegou a servir no exército como médico, mesmo sem ter formação, por isso era chamado de “tio Doutor”. E se ele está hoje “bem apresentado” é também, de certa forma, porque eu remendei e passei as roupas dele com muito cuidado. Um dos meus ancestrais mais antigos de que se tem imagem.*

Decidimos apresentar na Casa de Memória e Cultura dois quadros com as fotos dos ancestrais mais antigos e escaneamos toda a pasta do museu Casa do Bentoca, que continha fotos e a história da fundação de Inhapim e da formação do Córrego dos Januários. Todo o material foi diagramado e se transformou num belo livro. Além disso, apresentamos o livro escrito por Toquinha e ilustrado pelas crianças, contando a saga dos ancestrais.

Foi então que aqueles pais tão preocupados com os filhos juntaram todas as suas economias e compraram, em Caratinga, um grande pedaço de terra. Essas terras faziam divisa com Ubaporanga, Imbé, São Domingos das Dores e Santo Antônio, e a esse lugar deram o nome de Fazenda da Vargem Grande. Pouco tempo depois chegaram os irmãos Januário. O primeiro foi Joaquim Januário de Souza<sup>45</sup>, e mais tarde Elias Francisco de Oliveira<sup>46</sup> e Francisco Januário de Souza<sup>47</sup>. O tempo passava e Joaquim Januário de Souza apaixonou-se por Mariana Rosa de Jesus, uma das filhas de Joaquim José Ribeiro. O amor dos dois tinha a bênção dos pais, e por volta de 1867 eles se casaram e foram os primeiros habitantes do Córrego dos Januários (Souza, 2008, p.9).

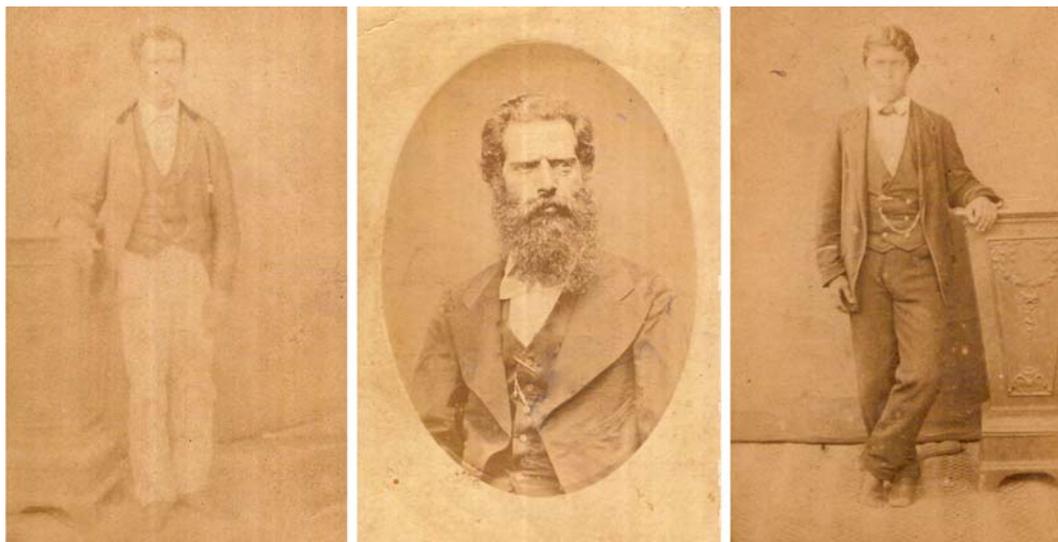


Figura 129 - Elias Francisco de Oliveira Campos

Figura 130 - Joaquim Januário de Souza

Figura 131 - Francisco Januário de Souza

Qual a relação desses personagens com Toquinha? Sua avó paterna, Benvinda Maria de Jesus, é filha de Joaquim Januário, e Nestor Januário de Souza, seu avô paterno, é filho de Francisco Januário.

<sup>45</sup> veio junto com a família de Joaquim José Ribeiro e casou-se com uma de suas filhas, Mariana Rosa de Jesus, por volta de 1866. Seus filhos: Elias Januário de Souza, Joaquim Sinfrônio, Manoel Januário, Lino, Octaciano, João Policarpo, Pedro, Benvinda, Maria, Rosa e Zulmira. Casou-se pela segunda vez com Joana e são seus filhos: Olímpia, Luiz, Floripes, Procópio, Lina, Artur e Maria Januário.

<sup>46</sup> Elias Francisco de Oliveira Campos irmão de Francisco Januário, imigrou um pouco depois da família de Joaquim Januário. Marceneiro e carpinteiro, trabalhou em Leopoldina, Três Rios e diversas fazendas daquela região. Aqui casou-se com Francisca Rosa de Jesus, também filha de Joaquim José Ribeiro, e dedicou-se como os outros à agricultura. Seus filhos: Onofre, Manoel, Cristiano, Elias, José Neves de Oliveira, Adriano (ainda vive), Bernardina, Celicina (ainda vive e tem 98 anos), Lídia, Francisca, Maria Isabel (ainda vive), Maria Francisca de Oliveira.

<sup>47</sup> Francisco Januário de Souza, irmão de Joaquim Januário de Souza, também casou-se com uma das filhas de Joaquim José Ribeiro, Joaquina Maria de Jesus. Seus filhos: Nestor (avô de Toquinha), Lucas, Luiz, Francisco, Maria Salomé, Maria Beú, Maria Madalena, Maria Augusta, Maria Euzébia, Adelina, Regina, Filomena, Alzira e Ana. Estas fotografias foram doadas por Izalino, neto de Francisco Januário.



Figura 132 - Benvinda e Nestor

No dia da inauguração da Casa de Memória e Cultura, Toquinha e eu observamos o interesse das pessoas nesse material. Diante de nossos olhos, a memória dos fundadores de Inhapim e do Córrego dos Januários começava a circular e provocar surpresa em muitos descendentes que desconheciam toda essa história, como veremos mais adiante.



Figura 133 - Adriana e Eulália  
(Foto de Ana Andrade)

Mas agora falaremos sobre a casa que abrigou o córrego de histórias dos Januários.

## 5.5

### O legado de Floripes e Bolívar



Figura 134 - Bolívar e Floripes, pais de Toquinha, em pintura feita a partir de fotografias do casal

Em “Experiência e pobreza”, Walter Benjamin (1994) evoca uma parábola para abordar o conceito de experiência, tão importante em sua obra.

Em nossos livros de literatura havia a parábola de um velho que no momento da sua morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais do que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (p.114).

Neste ensaio de 1933, Benjamin ressalta a importância da transmissibilidade e nos fala da experiência como tradição compartilhada por uma comunidade humana, tradição retomada e transformada, em cada geração. Segundo Gagnebin

(2006), Benjamin não usa a parábola com objetivos moralizantes; o que interessa a ele é a encenação da história:

Não é o conteúdo da mensagem paterna que importa; aliás, o pai promete um tesouro inexistente e prega uma peça a seus filhos para convencê-los. O que importa é que o pai fala do seu leito de morte e é ouvido, que os filhos respondem a uma palavra transmitida nesse limiar, e reconhecem, em seus atos, que algo passa de geração para geração; algo maior que as pequenas experiências individuais particulares, maior que a simples existência individual do pai, um pobre vinhateiro, porém que é transmitido por ele; algo portanto que transcende a vida e a morte particulares, mas nelas se diz; algo que concerne aos descendentes (p.50).

Em nosso percurso pela memória do Córrego, o conceito de experiência em termos benjaminianos, inspirou nossa metodologia e a própria concepção da Casa de Memória e Cultura que nos propomos a construir com a comunidade.

Floripes Cândida de Souza<sup>48</sup> e Bolivar Martinho de Souza<sup>49</sup>, pais de Toquinha, Marlene, Terezinha, Dorvalina e Isabel, morreram cedo e deixaram como herança a casa que, por decisão das filhas, hoje acolhe as memória de toda comunidade do Córrego dos Januários.



Figura 135 - Toquinha filmando em 2004 a futura Casa de Memória e Cultura

<sup>48</sup> Floripes é filha de Adelina Francisca de Souza e Joaquim Pereira de Carvalho. Adelina é filha de Francisco Januário de Souza e Joaquina Maria de Jesus. Joaquina Maria de Jesus é filha de Joaquim José Ribeiro e Maria Joana de Jesus.

<sup>49</sup> Bolivar é filho de Nestor Januário de Souza e Benvinda Maria de Jesus. Nestor é filho de Francisco Januário de Souza e Joaquina Maria de Jesus. Benvinda é filha de Joaquim Januário de Souza e Mariana Rosa de Jesus. Mariana Rosa de Jesus e Joaquina Maria de Jesus são filhas de Joaquim José Ribeiro e Maria Joana de Jesus.

***Toquinha:** A casa onde hoje é a Casa de Memória foi um sonho do meu pai. Apesar de vivermos com mínimas condições financeiras, meu pai tinha o sonho de ter uma casa maior para abrigar a família, que estava crescendo. Mas ele morreu sem realizar esse sonho. Lembro que eu e a Bela ajudávamos na construção carregando tijolos, buscando areia, e meu pai um dia disse todo orgulhoso: essa parede fui eu que fiz! O pedreiro que construiu aquela casa foi o Walter, filho do Sr. Geraldino, e meu pai o ajudava. Foi Terezinha, minha irmã, que trabalhava aqui no Rio de Janeiro como doméstica, que mandava dinheiro para a construção. A aposentadoria do meu pai mal dava para as despesas com alimentação. Mas ele morreu antes de concluir a construção, em 30 de julho de 1982. Depois da morte dele, Marlene, minha irmã mais velha veio morar dentro de casa com o marido, os três filhos e a sogra. Ficamos morando todos juntos, pois minha mãe tinha medo de ficar sozinha com as filhas, eu, Bela e Dorvalina. Minha mãe também viveu pouco ali, pois morreria em 23 de dezembro de 1982. O fato de ela hoje ter se transformado na Casa de Memória me dá uma alegria muito grande. Sinto que ela vai cumprir sua missão. Ela foi concebida com a intenção de reunir, de acolher a família, não foi apenas para ser mais um bem a ser deixado para nós, as filhas, ainda que esta idéia estivesse incluída no desejo dos meus pais. Ela foi pensada e preparada para ser lugar de encontro, e foi isso que ela se tornou. Lembro-me que meu pai gostava de aprender coisas e dizia que devíamos estudar, pois era a única coisa que ele nos deixaria como herança. Meu pai se preocupava com a comunidade. E eu acho que hoje ele está feliz com o destino do único bem material que ele nos deixou.*

O legado de Floripes e Bolívar e todo o seu significado expresso na fala de Toquinha me remetem a Benjamin e à fábula do velho vinheteiro. A casa construída com o propósito de acolher a família e ser lugar de encontro parece hoje cumprir o destino sonhado por Bolívar. Pelas mãos de suas filhas, a casa passa a ser de toda a comunidade, pois além de ser um espaço de encontro e convivência, tornou-se um abrigo para as histórias de muitos Januários que, por meio de seus contos e imagens, transmitem algo que “concerne aos descendentes”.



Figura 136 - As filhas de Bolívar e Floripes: Marlene, Terezinha, Dorvalina, Isabel e Maria de Lourdes

*Jupira: Me impressionou a coragem da Toquinha e suas irmãs de doarem a casa, que é um bem que os pais deixaram para elas. Um momento que me marcou muito foi quando a Toquinha desatou o laço, abriu a porta de sua própria morada e entregou para a comunidade.*

## 5.6

### **Alicerces da Casa de Memória e Cultura: pela delicadeza, contra a barbárie**

*Estamos ameaçados de esquecimento, e um tal olvido – pondo inteiramente de parte os conteúdos que se poderiam perder – significaria que, humanamente falando, nos teríamos privado de uma dimensão, a dimensão de profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação.*

*(Arendt, 2003, p.131)*

No artigo intitulado “Casas e portas da memória e patrimônio”, o museólogo Mario Chagas (2005) chama a atenção para “os novos contornos que a palavra patrimônio vem adquirindo”:

Se tradicionalmente ela foi utilizada como uma referência à “herança paterna” ou aos “bens familiares” transmitidos de pais (e mães) para filhos (e filhas), em particular no que se referia aos bens de valor econômico e afetivo, ao longo do tempo gradualmente adquiriu novos contornos e ganhou outras qualidades semânticas, sem prejuízo do domínio original. Patrimônio digital, patrimônio genético, biopatrimônio, etnopatrimônio, patrimônio intangível (ou imaterial), patrimônio industrial, patrimônio emergente, patrimônio comunitário e patrimônio da humanidade são algumas das múltiplas expressões que habitam as páginas da literatura especializada, ao lado de outras mais consagradas como patrimônio cultural, patrimônio natural, patrimônio artístico e patrimônio familiar (p.115-116).

A herança de Bolívar e Floripes toma um curso onde o patrimônio de uma família se transforma em legado para toda a comunidade. Não só pelo aspecto material da casa mas, principalmente, pelo que o acervo de “contos e imagens” transmite aos “vindouros”. A transmissibilidade da experiência e o diálogo entre as gerações constitui a marca essencial desse patrimônio comunitário que denominamos de Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. Mas outros alicerces conceituais também fundamentam esta casa, pois

Para além da preocupação patrimonial no sentido de proteção de um passado, há interesse na dinâmica da vida e na capacidade de os corpos patrimoniais funcionarem como instrumentos de mediação entre diferentes tempos e mundos. Em outros termos, o interesse no patrimônio não se justifica apenas por seu vínculo com o passado, seja ele qual for, mas também por sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade, com a vida dos seres em relação com outros seres, coisas, palavras, sentimentos e idéias (Chagas, 2005, p.132).

O acervo de contos e imagens construído com a comunidade compõe tanto o museu itinerante no projeto “Carta para-ti” como a exposição permanente que hoje faz parte da Casa de Memória e Cultura localizada no Córrego dos Januários. Tanto nos deslocamentos quanto no “pouso” o patrimônio desse acervo pode ser compreendido como “poética” e como “ponte”:

Trabalhar a poética do museu e a poética do patrimônio. Eis um desafio que importa encarar. Para além de suas possíveis serventias políticas e científicas museu e patrimônio são dispositivos narrativos, servem para contar histórias, para fazer a mediação entre diferentes tempos, pessoas e grupos. É nesse sentido que se pode dizer que eles são pontes, janelas ou portas poéticas que servem para comunicar e, portanto, para nos humanizar (Chagas, 2006, p.5).

A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários foi se desenhando ao longo desta jornada como um espaço museológico de resistência contra a amnésia coletiva, a massificação, o exílio dos mais velhos, a dor pelo isolamento e a ausência de projetos para as crianças e jovens da comunidade.

Nesses tempos de globalização, os museus têm um papel importante. Eles operam com documentos/bens culturais com forte base espaço-temporal e são capazes de promover identificações. Os museus -pelo ângulo do território, do lugar e do espaço- são localizações. Mesmo amparados em conceitos mais ou menos largos os museus são locais. É na localização que a prática museal encontra o seu ninho, o seu nicho, a sua arena e o seu caminho de afirmação, de negação ou de transformação. Por esse caminho, pode-se compreender que os museus são espaços possíveis de resistência, uma vez que podem operar com identidades locais (em devir) frente à tentativa de massificação cultural. (...) Mas o maior desafio dos museus continua sendo o de estar a serviço da vida e da humanidade em cada um de nós. (...) Lidar com pessoas, expor idéias, viver a mudança e trabalhar com a impermanência são os problemas que se colocam para os museus e para os profissionais que não querem se deixar aprisionar na cela da materialidade dos acervos e na rede que naturaliza o mercado hipoteticamente mundializado (Chagas, 2000, p.37-38).

Entendendo os museus como “casas de sonho, de criação, de educação e de cultura”, Chagas (2008) ressalta que um dos desafios colocados é aceitar os museus como campo de tensão.

Suponho que se engana quem pensa que existe uma única possibilidade de memória e que essa possibilidade única implicaria a repetição do passado e do já produzido; suponho que se engana quem pensa que há humanidade possível fora da tensão entre o esquecimento e a memória. É essa tensão, ao contrário do que possa parecer, que garante a eclosão do novo e da criação. O futuro também nos olha e pisca lá de dentro do passado (se é que o passado tem um dentro). O esquecimento total é estéril, a memória total é estéril. O território fértil e propício para a imaginação criadora e gêneros tem estrias produzidas pela memória; a possibilidade de criação humana habita e mora na aceitação da tensão entre recordar e esquecer, entre o mesmo e a negação da mesmice, entre a permanência e a mudança, entre a estagnação e o movimento (p.7).

Nomeamos a Casa de Memória dos Januários também como Casa de Cultura. O historiador Joel Rufino dos Santos (2001) nos lembra que cultivo e cultura pertencem ao mesmo campo semântico do latim *colo*, eu moro, eu ocupo a terra, eu cultivo o campo:

No participio passado se dizia *cultus*, no participio futuro *culturus*. Havia, portanto, no latim, o reconhecimento de um fundamento (*cultus*) e de um destino (*culturus*). Cultura teve, na sua origem, e nada impede que continue a ter, uma dimensão comunitária (*fundadora*) e, ao mesmo tempo, de projeto (...) Ora, quem diz fundamento diz espírito comunitário; e quem diz destino diz projeto, porvir, ideal, utopia. São essas, qualquer que seja a definição, as principais dimensões da cultura. A terminação *urus*, em *culturus*, indica processo, ação em realização, e não produto. Cultura é, pois, a ponte entre fundamento e destino (p.16-17).

E é justamente o espírito comunitário que está ameaçado quando as pessoas vão perdendo suas referências e seguindo valores e modelos que são reforçados pela sociedade de consumo. Na lógica da sociedade de consumo, impera o descartável. É o primado da mercadoria que não leva em conta nem o passado nem o futuro, pois, segundo Santos (2001):

Mercadoria, por definição, se realiza no tempo presente. Quanto mais rápido o tempo de realização, mais mercadoria ela é, pois maior o lucro. Ela não admite, portanto, o fundamento (o tempo passado), nem o destino (o tempo futuro), não pode ser *colo* nem *culturus*. O tempo que vivemos hoje, em nossa civilização, é o tempo da mercadoria: veloz, sem história, sem projeto, sem futuro, sem cultura (p.18).

Nesta perspectiva, buscamos retomar com os “Januários” a ponte entre “fundamento e destino”. Vemos como alicerce fundamental desta casa a possibilidade de consolidação de um espaço de escuta e de valorização dos Januários mais velhos como criadores de cultura, em oposição a triste tendência dos nossos tempos em enxergar o idoso, buscando identificar nele seu potencial

consumidor. Inspirados em Santos (2001), concebemos a casa de cultura como ponte entre “fundamento e destino”, em que a experiência dos adultos mais velhos pode ser compartilhada, assegurando um lugar social aos idosos que, em vez de ficarem à margem, esquecidos e tantas vezes adoecidos deste esquecer, podem verter sua palavra, sua história, possibilitando às crianças uma origem e um sentimento de pertencer.

Neste sentido, a criação da casa de cultura é essencial para ajudar os mais velhos a fazer as pazes com um presente que substitui o esquecimento e o abandono pelo acolhimento e abrigo e, principalmente, por uma consciência que nos aproxima a todos de nossa própria humanidade.

Segundo Halbwachs (2004, p.127) o que constitui essencialmente um grupo é um interesse, uma ordem de idéias e de preocupações das quais seu membros são porta-vozes. Vimos esse movimento nas falas que evocaram vários Januários que são lembrados porque aquilo que os marcou ainda coincide e ressoa com os interesses e preocupações de muitos que ainda vivem. A meu ver, essas preocupações encaminham um “projeto” (Santos, 2001).

As marcas de Maria Hilda das Dores Souza, a Dedé, não podem desaparecer num mundo com desejo de mudança, que clama por transformação. Dedé evoca Tio Chico para falar das jabuticabeiras e retoma uma preocupação e atenção de seu tio com os “vindouros”. A foto de Dedé é testemunho, denúncia, desejo, e remete a idéia de “projeto”, pois fala com o futuro, com as crianças que ainda vão nascer e que ela não irá conhecer. Em tal perspectiva, este espaço se forja na tensão entre “fundamento e destino” (Santos, 2001) o que nos leva novamente à imagem alegórica de Janus bifronte.

No primeiro capítulo, me referi à Casa de Memória como lugar de testemunho da delicadeza. Os “contos e imagens” produzidos coletivamente expressam, naquele canto de Minas Gerais, olhares e vozes que reforçam um legado de delicadeza contra a barbárie que nos assola e espreita a todo instante.

Pois é também como espaço de resistência à barbárie que queremos alicerçar a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. Kramer (2003) nos fala da necessidade de se educar crianças e jovens contra a barbárie:

Penso que não corremos o risco de chegar à barbárie; vivemos nela. E devemos educar contra a barbárie, o que significa recuperar a história e as histórias

guardadas e esquecidas, estabelecendo uma outra relação com a tradição; significa colocar o presente numa situação crítica e compreender que o passado não precisaria ter sido o que foi, o presente pode ser diferente do que é, portanto, é possível mudar o futuro. (...) Como educar crianças e jovens neste contexto? Este é um dos nossos desafios. Para enfrentá-lo é preciso trabalhar numa perspectiva de humanização, de resgate da experiência, de conquista da capacidade de ler o mundo, escrevendo a história coletiva, apropriando-nos das diferentes formas de produção da cultura, criando expressando, mudando. Com experiências de educação e socialização onde se pratique a solidariedade entre crianças, jovens e adultos, e existam laços de coletividade, eles capazes de gerar o sentido de pertencimento com reconhecimento das diferenças. (...) Retomemos e aprofundemos a dimensão cidadã da ação educativa e cultura. Pela emancipação e pela solidariedade, contra a barbárie (p.16-17).

Por isso defendemos a Casa de Memória como espaço de educação contra a barbárie onde “memória e delicadeza” se fundem e encaminham outros futuros para o povoado mineiro.

A experiência das escavações no levou ao encontro com a linguagem. A produção de narrativas, com nossos interlocutores, trouxe um ritmo: singular, poético, estético, político, crítico. Vejo na delicadeza dois sentidos essenciais para a nossa reflexão. Um fala de uma percepção poética do mundo, revelada tantas vezes pela grafia do olhar de crianças e adultos do Córrego. O outro nos leva ao cuidado e à humildade. O terreno da memória é delicado nele mesmo, por isso exige também delicadeza da parte daquele que se aventura a escavá-lo (Gusmão & Jobim e Souza, 2008, p.30).

A perspectiva poética e ética são os aspectos essenciais do que denomino estética da delicadeza (Gusmão 2004). Mas entendemos que a consolidação da Casa de Memória e Cultura como uma “devolução” de todo material escavado com a comunidade explicita uma outra face da delicadeza que também se dá no campo da ética. Nesta “devolução” está firmado o compromisso da pesquisadora com os Januários e nosso propósito de ajudar Toquinha em seu apelo de memória.

Ao vivermos em conjunto esta experiência sentimos necessidade de dar um nome àquilo que, tendo sido vivido no contexto desta pesquisa intervenção, seguramente ultrapassa todas as nossas tentativas de descrição. Nomear é sempre um desejo de dar sentido ao que muitas vezes não precisa necessariamente de nome para existir. Ainda assim, insistimos aqui em dar um nome ao que foi vivido e relatado sobre os acontecimentos que provocamos nas roças de Minas, e daí surgiu o que chamamos de *estética da delicadeza*. Ao criarmos um nome nos sentimos ainda mais responsáveis por seus desdobramentos posteriores na vida, nos modos como a partir da nomeação inventamos maneiras para agir no mundo (Gusmão & Jobim e Souza, 2008, p. 30).

Mas falar de delicadeza nos evoca também a participação fundamental de Luís Vicente Barros e todo o processo que culminou na inauguração da casa em 30 de agosto de 2008.

## 5.7

### Mãos a obra: a parceria com Luis Vicente Barros

*Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro; positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação.*

*Guimarães Rosa<sup>50</sup>*



Figura 137 - Vicente e Marcela na noite de inauguração da Casa de Memória e Cultura (Foto de Ana Andrade)

Concebemos este espaço de memória em razão das recentes perspectivas no campo museológico que operam com as categorias de território, patrimônio e comunidade como explica Chagas (2006):

No Brasil, o advento dos museus é anterior ao surgimento das universidades. A formação de cientistas e a produção científica, sobretudo na segunda metade do

<sup>50</sup> Trecho do conto “ A Terceira Margem do Rio” In: ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

século XIX, tinham nos museus um dos seus principais pontos de apoio. Por isso mesmo, desde o século retrasado as relações entre os campos do museu e da educação são bastante intensas. De igual modo, a institucionalização dos museus e da museologia no Brasil antecedem à criação de um dispositivo legal para a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. (...) A partir dos anos 70 do século XX, o conceito clássico de museu, que operava com as noções de edifício, coleção e público, foi confrontado com novos conceitos que, a rigor, ampliavam e problematizavam as noções citadas e operavam com as categorias de território (socialmente praticado), patrimônio (socialmente construído) e comunidade (construída por laços de pertencimento (p.2-3).

Estas novas categorias constituem o eixo do “Museu Novo” ou “Ecomuseu”. Um nome que se destaca neste cenário é o do museólogo francês Hugues de Varine. Segundo Chagas (2005)

O esforço para tentar imaginar um museu de um tipo novo e ao mesmo tempo sistematizar as novas práticas, levou Hugues de Varine, ainda nos anos 1970, a desenhar uma concepção de museu que substituísse as noções de público, coleção e edifício pelas de população local, patrimônio comunitário e território ou meio ambiente (p.130-131).

Mas Chagas (2005) alerta que esse quadro sustentado por Hugues de Varine não deixa de ser atravessado por “interesses políticos diversos e por disputas de memória e poder”:

O que não está explícito nesse esquema é que os termos território, patrimônio e população (ou comunidade) não têm valor em si. A articulação desses três elementos pode ser excludente e perversa, pode ter função emancipadora ou coercitiva (p.131).

A Casa de Memória e Cultura dos Januários se insere, a nosso ver, no tripé fundante do “Ecomuseu”. Nessa concepção museal, os habitantes atuam na construção de um museu que é para eles e que está voltado para sua história, memória e cultura. Em todo percurso pela memória do córrego, os Januários foram atores do processo de elaboração e execução de um “projeto” enunciado primeiramente por Toquinha, mas que passou a envolver toda a comunidade. O antropólogo Gilberto Velho (1994) faz uma interessante articulação entre “memória, identidade e projeto” que acredito também nos ajudar nessa reflexão:

O *projeto* e a *memória* associam-se e articulam-se ao dar *significado* à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria *identidade*. (...) Na sociedade moderno-contemporânea o indivíduo está exposto a múltiplas experiências,

contraditórias e eventualmente fragmentadoras. A memória e o projeto, de alguma maneira, não só ordenam como dão significado a essa trajetória. (...) A memória é fragmentada. O sentido de identidade depende em grande parte da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O passado, assim, é descontínuo. A consistência e o significado desse passado e da memória articulam – se à elaboração de *projetos* que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações (p.103).

O “projeto”, aqui, se referia em primeiro lugar ao apelo de memória de Toquinha, que expressava uma necessidade de colher os cacos da história de sua comunidade e compor um mosaico que possibilitasse resistir à desmemória e revelar a polifonia daquele solo mineiro. Um “projeto” que também nos remetia a consolidação da casa no sentido da materialidade do espaço e dos suportes que iriam acolher o acervo de memória, e finalmente um “projeto” que apontasse como tal processo seria conduzido para que esse espaço de memória fundado nas bases da nova museologia, viesse a ter, como nos diz Chagas (2005), uma “função emancipadora”. Para isso, no entanto, acreditávamos ser preciso considerar uma face importantíssima do “projeto” como nos explica Velho (1994):

Por outro lado, o projeto existe no mundo da intersubjetividade. Por mais velado ou secreto que possa ser, ele é expresso em conceito, palavras, categorias que pressupõem a existência do Outro. Mas, sobretudo, o *projeto* é o instrumento básico de *negociação da realidade* com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim, ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações *para o mundo* (p.103).

As aspirações de Toquinha e da comunidade nos levaram a um momento crucial da jornada. No entanto, de posse de uma enorme quantidade de material escavado e de “olhos e mãos dadas” com os alicerces conceituais anunciados, nos perguntávamos: como iríamos transformar a casa de Bolívar, Floripes e suas filhas numa Casa de Memória e Cultura? Como apresentar os *contos e imagens* dos Januários? Como falar de Dedé e as jabuticabas de Tio Chico, alegorias de acolhimento e delicadeza? Como transmitir o legado de Tio Dionísio, Sebastião Lau, Izalino, Tia Fiinha, e tantos outros? De que maneira poderíamos expor a *grafia do olhar* daqueles fotógrafos de primeira viagem que produziram tantas imagens e narrativas? E a história dos fundadores? Como fazê-la circular e ser apropriada pelos descendentes? Em que suporte poderíamos narrar a história de Seu Agenorinho, o mais antigo contador da região? Como expor as tradições da

Broa, do tear de taboa, dos violeiros? E o projeto de memória itinerante? Como apresentar o inhapim pombo-correio e os numerosos postais que recebemos nas oficinas “Carta para-ti”? E quanto ao Clubinho de Leitura e sua pequena e preciosa biblioteca? Como criar um espaço de leitura para acolher não só as crianças e jovens leitores, que todo sábado já ocupavam um quarto da casa, como também os futuros leitores que ansiavam por participar? Tantas perguntas sem resposta! No entanto, começamos a vislumbrar o nascimento da Casa de Memória logo após a primeira viagem de Luis Vicente Barros ao Córrego dos Januários no final de dezembro de 2007. Toquinho o acompanhou nessa viagem, e eu fiquei aguardando as primeiras impressões de Vicente e Marcela Carvalho<sup>51</sup> naquela que foi a primeira de cinco viagens até a inauguração da Casa de Memória e Cultura. O relato de Vicente, a seguir, mostra o início do contato dele e de Marcela com a comunidade, revelando o olhar atento e sensível do professor aos recursos produzidos pela natureza local e que se constituem matéria prima de seu trabalho.

*Viajamos 9 horas de carro. Chegamos ao Córrego dos Januários e fomos para a casa da Jupira, prima de Toquinho, onde iríamos ficar hospedados. A casa da Jupira: linda e aconchegante, café e broa, muito carinho e o quarto dos pais para descansarmos. Demos uma descansada depois e por volta das 6hs fomos à casa de Toquinho, onde será a Casa de Memória, onde acontece o Clubinho de Leitura. Haviam várias crianças, estavam fazendo o natal deles e nos aguardavam. Eles leram poemas, recitaram versos, Juninho recitou um poema que gravou na memória. Os jovens Deo e Daiane leram o conto de Toquinho, essa era a primeira vez que as crianças liam e apresentavam contos e poesias. Toquinho ficou emocionada ao ver a apresentação que também era direcionada à ela. Os destaques da noite foram os vagalumes, muitos vagalumes que iluminavam o caminho fazendo parecer que o céu continuava na terra. O outro destaque da noite foi o feijão de Jupira, uma delícia. Todos os alimentos que comemos e bebemos foram produzidos ali, no próprio sítio de Jupira. O café, o milho da broa de milho, o feijão, a cana. No dia seguinte, saímos pela manhã para darmos uma caminhada e conhecermos os lugares e as pessoas. Nossa caminhada tinha como objetivo, ver os materiais disponíveis e conhecer as pessoas que poderão estar envolvidas com a produção da Casa. A primeira pessoa com quem conversamos foi o Zito, que logo nos ensinou como fazer a peteca com palha de milho. Na casa de Zito também vimos o barro branco que eles usam como cal para pintar as paredes, principalmente, em cima do forno de barro, que as paredes escurecem rapidamente. Ainda na casa de Zito, ele mostrou a taboa, e disse que acima da casa dele tinha um rapaz que fazia a esteira, esse mesmo rapaz depois descobrimos que é quem faz o balaio, e outros utensílios com bambu. Descobri que a taboa tem um pendão que tem uma paina, que eles usam de enchimento para travesseiro.*

<sup>51</sup> A designer Marcela Carvalho (24 anos) é casada com Vicente de Barros. Sensível e extremamente habilidosa com bordados, costuras e desenhos, Marcela foi de suma importância em todo o processo.

*Depois da casa de Zito demos uma passada na casa de Zé Barba, conversamos um pouco e fomos para a casa de Maria e seu Antonio para almoçar... Após o almoço eles nos mostraram a abóbora d'água seca, que fica que nem uma cabaça, e depois fomos até o coité, que também parece uma cabaça, de parede mais fina que a abóbora, vimos o coité no pé... Seguindo fomos até o pé da sapucaia, onde encontramos um fruto da sapucaia já caído sem as castanhas de dentro. Quem nos levou lá foi Zé do Carmo, ele que nos mostrou o pé do coité e da sapucaia, a cumbuca de abóbora era do terreno de seu Antônio<sup>52</sup>.*

Marcela e Vicente transitaram com delicadeza e firmeza no solo dos Januários e foram acolhidos rapidamente pela comunidade. No retorno ao Rio, conversamos muito. Ouvindo as percepções de Vicente, eu compreendia que tanto na escolha dos materiais encontrados no Córrego quanto no convite ao envolvimento da comunidade em cada passo do processo, desde as escavações até aqui, estavam presentes os fundamentos essenciais de um “museu comunitário” ou “ecomuseu” compreendido enquanto espaço de memória criado “com” e “para” a comunidade. O relato de Vicente prossegue:

*Depois dessa primeira viagem ficamos pensando em como utilizar esses materiais disponíveis na localidade como: taboa, bambu, alecrim, barro branco e outros a serem reconhecidos, que possibilitariam uma troca de saberes no uso desses recursos, buscando valorizar as soluções e técnicas tradicionais da própria localidade e convidando os moradores de Córrego dos Januários a participar da construção da exposição da “nova” Casa.*

Na primeira de uma série de encontros após o retorno do casal de Minas Gerais, Vicente nos colocou a questão que lhe pareceu crucial: “Como apresentar os “contos e imagens” de uma forma, que a própria exposição, manifestasse a qualidade poética do conteúdo, dialogando com os materiais e técnicas locais?”

Em nossas reuniões no Rio, o grupo composto por mim, Toquinho, Vicente e Marcela ia se afinando. De posse da planta da casa e dos desenhos e medidas feitas por Vicente, pensávamos a ocupação do espaço em torno de três ambientes principais: a sala de entrada apresentando o painel “Carta para-ti”, um segundo ambiente (antigo quarto) para o Clubinho de Leitura e a sala principal, onde estariam 13 “Estandartes dos Contos e Imagens dos Januários”.

A definição do estandarte como suporte foi decidida com rapidez. Todos nós, coincidentemente havíamos visto a exposição “Grande sertão: veredas” no

---

<sup>52</sup> Este texto faz parte do relatório escrito por Vicente após cada viagem ao Córrego dos Januários. Consideramos importante para uma melhor compreensão das etapas deste processo, seguir a narrativa de Vicente.

Museu da Língua Portuguesa, e tínhamos retido na memória a imagem de painéis de tecido com os escritos de João Guimarães Rosa suspensos no pé direito do salão. Esta lembrança nos inspirou na criação do suporte que iria acolher os “contos e imagens”.



Figura 138 - Imagem da exposição de Guimarães Rosa no Museu da Língua Portuguesa<sup>53</sup>

*Vicente: Antes da segunda viagem, tivemos algumas reuniões no Rio (Denise, Toquinho Marcela e eu), e conversávamos sobre a seleção do acervo (qual material da pesquisa entraria e qual não entraria na exposição), discutimos suporte e já partimos para a viagem com a idéia de utilizar impressão em tecido na forma de estandartes e painéis. Nesta fase, e durante todo o processo de concepção do espaço de memória, nosso trabalho foi de criar limites por meio dos suportes e formas, para pensarmos juntos um local ocupado com harmonia e leveza, algo que contasse toda a história da pesquisa, mas que pudesse ser lido de forma suave por todos os visitantes (moradores). Nesse momento, nossa atenção estava o tempo todo voltada para a ocupação desse espaço, de forma que ele tivesse as informações necessárias, e que ao mesmo tempo passasse a qualidade da “delicadeza”, que estava presente no conteúdo do que estaria sendo apresentado.*

Vicente, Toquinho e eu voltamos a Minas em abril de 2008, com o objetivo de definir a ocupação do espaço.

A sala de entrada seria composta por um painel contando sobre o espaço; o painel “Carta para-ti”, com as imagens de alguns postais e bolsos-correio que

---

<sup>53</sup> Instalação Grande sertão: veredas, concebida por Bia Lessa para a inauguração do Museu da Língua, São Paulo, março de 2006.

serviriam para fazer a correspondência entre os visitantes e os moradores; e um terceiro painel, que poderia ser um móvel, o qual apresentaria o processo de correspondências e as imagens das oficinas no Rio de Janeiro e em Paraty. Na sala principal estariam os estandartes, que seriam 13, impressos frente e verso. Chegamos nesse número fazendo uma previsão com o estandarte que levamos e que nos auxiliou neste cálculo. Além dos estandartes da sala de exposição, também seriam confeccionados quatro estandartes de Santos que seriam utilizados na procissão de inauguração da casa.

Em todas as viagens fazíamos reuniões com os moradores sempre coordenadas por Toquinha. Nessa etapa, apresentamos aos Januários o que havíamos pensado para a exposição e encaminhamos vários assuntos como a escolha da cor da pintura da casa, dos voluntários para o mutirão de reforma do telhado, portas e pintura, o cronograma do dia da inauguração, que envolveria uma procissão e missa, etc. Vicente em seu diário de viagem, destacou um sentimento que predominou em todos nós no final daquela noite:

*Alegrou-me o envolvimento de todos na preparação da casa e da inauguração. As pessoas se organizando e se apropriando daquele espaço, pensando junto qual era a melhor forma para fazer a inauguração.*

Um dos itens resolvidos nessa reunião envolvia a encomenda de balaios de taquara que serviriam como luminárias em alguns ambientes da Casa de Memória. Caminhamos quase uma hora até a casa de Seu Luís, o fazedor de balaios do Córrego, e Vicente combinou que na próxima lua minguante voltaria para o ver trançar os balaios, de modo a registrar todo o processo.

Um dos objetivos desta viagem era testar o ambiente que seria ocupado pelos estandartes, como narra Vicente:

*Havia um modelo de estandarte, que levamos para experimentar e estudar a ocupação do espaço. Para experimentarmos os estandartes que Marcela havia feito, fui ao bambuzal na casa da Jupira, para tirar uma vara de bambu e estruturar o pano. Jupira me ajudou a tirar os bambus, fiquei impressionado com a facilidade de seus gestos e movimentos no meio do bambuzal. Pensei que para aquelas pessoas que estão ali, em contato com a natureza, toda essa prática era, ou poderia vir a ser uma prática cotidiana, ir à natureza coletar o material para produzir algo, ou o café, ou broa, coletando o milho... Mostrava uma integridade com o que era dado pela natureza, com o que estava a sua disposição, ao seu lado.*



Figura 139 - Vicente escolhendo bambu com Jupira

Na viagem seguinte de Vicente à Minas, permaneci no Rio para dar prosseguimento a uma outra etapa fundamental do processo: a edição do conteúdo a ser apresentado.



Figura 140 - Denise trabalhando

A partir da interlocução com Edervanio de Souza Lucas e Toquinha, debrucei intensamente no material escavado, nos contos e imagens que fariam parte dos estandartes e na seleção dos postais “carta para-ti” Edervanio, é hoje, estudante do quinto período do curso de Psicologia na UNEC – Centro Universitário de Caratinga e sempre participou com muito interesse de todo o trabalho. Esteve presente nas duas viagens do projeto “Carta para-ti” e colabora ativamente com o Clubinho de Leitura.

O estudante de psicologia aceitou com entusiasmo o convite para me auxiliar na decupação das imagens e narrativas escavadas com a comunidade. Elegemos como metodologia de trabalho, a leitura da dissertação de mestrado em

que Edervanio destacava tudo o que não poderia ficar de fora do espaço de memória.

***Edervanio:** Essa foto com essa frase que está embaixo, achei muito bonito isso aqui: “Esse homem ou mulher está grávido de muita gente...” Tá todo mundo em volta do Seu Agenor pra ver o que ele tem pra contar. O envolvimento das pessoas com o que ele tem pra contar (“Agenor, o Contador de Histórias”, Anexo 8.4.1). Depois aqui na p.33 “entendo fotografia como linguagem narrativa...”. As fotos que você trouxe no “Varal de Fotografias”. As pessoas viam as fotos e através do que elas viam iam lembrando de coisas, iam reproduzindo histórias. Os adultos viam as fotos, lembravam de alguma coisa e iam contando pras crianças (Estandarte “O Varal de Contos e Imagens”, Anexo 8.4.1).*

Nossa preocupação foi a de incluir todas as etapas do processo de arqueologia dos Januários, de forma a abarcar em eixos temáticos, a polifonia do povoado. A partir da leitura de Edervanio e de muitas reuniões com Toquinha, definimos o título dos 13 estandartes: “Era uma vez o Córrego dos Januários”; “Seu Agenor e Tradições de Domingo”; “Lembranças de Tapera”; “O Varal de Contos e Imagens”; “Cesto de memória”; “Luz e Calor”; “Terra e Memória”; “A Grafia do olhar I”; “A Grafia do olhar II”; “Histórias e Brincadeiras”; “Fotos Antigas”; “Dedé e Tio Dionísio”; “Carta para-ti”.

Enquanto isso, Toquinha acompanhava Vicente e Marcela na terceira viagem de preparação da Casa de Memória, em junho de 2008. Aprendi com Vicente que a lua minguante é o momento mais indicado para a coleta dos bambus.

***Vicente:** Conforme combinado, na lua minguante seguinte estávamos de novo no Córrego, para ver seu Luis trançar os balaíos e coletar os bambus para os painéis e estandartes. A espécie que utilizamos é conhecida cientificamente com o nome de bambusa tuldoídes, e se encontrava no quintal de várias casas no córrego, inclusive na casa da Jupira, onde estávamos hospedados. No bambuzal da casa da Jupira, tiramos 10 varas mais finas, quase todos do mesmo diâmetro. Para coletarmos os bambus mais grossos, fomos até o bambuzal da casa de Zé do Carmo e Adélia. Zé do Carmo logo se prontificou a retirar os bambus e desceu até o bambuzal que ficava na beira de um córrego para tirar as varas com uma foíce. Reconheci ali a diferença na relação com o material, o quanto é cotidiana a utilização desses materiais em seu dia-a-dia, já existe uma cultura de tirar o bambu lá para fazer cerca, ou os próprios balaíos, isso possibilita a manutenção dos bambus utilizados na exposição, pois eles se encontram acessíveis a eles, e reconhecidos por eles como o mesmo bambu que eles já utilizam.*

Observando uma técnica desenvolvida por algumas mulheres da comunidade para fazer redes de sinuca com barbante, Vicente e Marcela

sugeriram a adaptação de um tear para a confecção de um barrado para os estandartes e assim nasceu o grupo de “mulheres rendeiras” composto por Terezinha Jacinta da Silva, Adélia Maria Pereira e Judith Conceição de Souza Siqueira. Cada vez mais, os moradores se envolviam e deixavam sua marca na elaboração da Casa de Memória e Cultura.



Figura 141 - Terezinha Jacinta

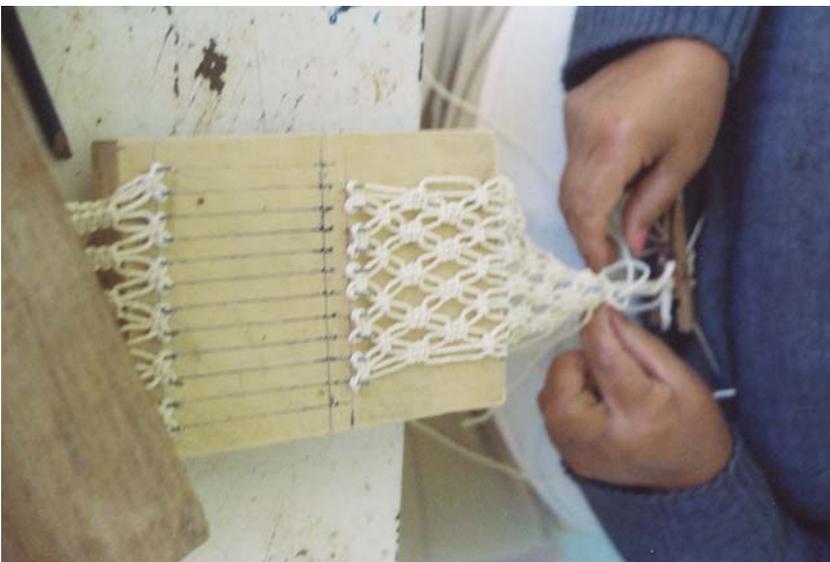


Figura 142 - Judith fazendo os barrados dos estandartes



Figura 143 - Judith e Adélia

Um outro ambiente iria acolher a menina dos olhos de Toquinha: o Clubinho de Leitura.



Figura 144 - O ambiente que se transformou no Clubinho de Leitura

O planejamento desse espaço envolvia tapetes, almofadas, prateleiras para os livros (buscando aproveitar as madeiras que já haviam de sobra na casa) e um

cesto-balaio para o livro “Família Januário” de autoria de Toquinha com ilustração do grupo de alunos. Na viagem de junho, Marcela reuniu as crianças para pintar uma lona crua que depois foi transformada em almofadas para o espaço do Clubinho de Leitura.



Figura 145 - Marcela e crianças  
(Foto de Toquinha)

Esta imagem me fez lembrar do desenho de Vicente na oficina “Carta para ti”. A roda como alegoria de brincadeira e da força do coletivo na realização de um propósito comum estava, a meu ver, materializada naquela foto feita por Toquinha.

Outra imagem colhida desta viagem à Minas me foi especialmente significativa. Toquinha registrou o processo de pintura da casa realizada por João Donato e Carmo Lucas, e a imagem mostrava de forma contundente que entrávamos na reta final de um projeto em que especialmente, Toquinha e eu, colocamos uma energia que desconhecíamos possuir e em que muitas vezes havíamos nos perguntado se conseguiríamos concluir.



Figura 146 - João Donato, Carmo Lucas e Renan

Em julho de 2008, um mês antes da inauguração retornamos ao Córrego para montagem e preparação do espaço para receber a exposição. Marcela ficou no Rio diagramando o material selecionado por Toquinho, Edervanio e eu, para ser impresso nos tecidos dos painéis e estandartes. Para esse momento do trabalho, Vicente convidou Giuliano, seu monitor na disciplina “Tópicos Especiais em Design XV” para auxiliá-lo. Logo que chegamos, Vicente levou Giuliano para conhecer a casa e confirmar a quantidade de bambus que precisavam ser preparados. Em seguida, os dois buscaram na casa de Jupira os bambus colhidos na lua minguante na viagem anterior.



Figura 147 - Vicente e Giuliano

Mais tarde, nos reunimos com vários membros da comunidade na casa de Joversino para um trabalho em muitas mãos. Vicente e Giuliano se dedicaram a cortar e lixar os segmentos da vara de bambu nos tamanhos necessários.



Figura 148 - Vicente e Giuliano

Enquanto isso, Toquinha e eu nos reuníamos com um grupo de mulheres para encher as almofadas preparadas por Marcela com os desenhos das crianças. Estes desenhos foram costurados por ela em tecidos coloridos produzindo um efeito muito bonito deixando a todos impressionados.



Figura 149 - Branca, Nizinha e Toquinha



Figura 150 - Rita, Nizinha, Toquinha, Judith, Adélia, Terezinha e Branca

Outro acessório para os estandartes também foi feito à várias mãos. Decidimos que as fitas de cetim dos estandartes trariam frases escolhidas pelo grupo diante de uma lista pré-selecionada por mim e Edervanio. De autorias variadas, mesclando a fala de moradores com os escritos de autores que me acompanharam em todo o processo, as frases transcritas pelo grupo do Clubinho refletiam a marca polifônica de nossa estratégia metodológica: “Porque se a gente não souber a história de onde a gente vive, esse lugar pode ser um tipo de lugar qualquer” (Jardel); “Recordar: do latim re-cordis, tornar a passar pelo coração” (Eduardo Galeano); “Se não tivesse o idoso passando pros filhos, pros novos, assim, se você não expressasse esse trabalho, quem podia contar as histórias de hoje? Quem podia falar alguma coisa desse nosso tempo?” (Seu Venário); “A memória é a mais épica das faculdades” (Walter Benjamin); etc.



Figura 151 - Janderson e Edilaine escolhendo as frases para as fitas



Figura 152 - Dayane, Denise, Edervanio e Edilaine escrevendo as fitas



Figura 153 - Edervanio, Lucas, Tiago, Rita, Janete, Janderson e Edilaine

A parceria de Vicente com Giuliano nos surpreendia a cada instante. Ainda naquela noite fomos para a Casa de Memória e observamos os dois confeccionarem, com o auxílio do bambu, dos coitês e das abóboras colhidas pelas crianças e adolescentes, criativas luminárias.



Figura 154 - Vicente e Giuliano



Figura 155 - Vicente montando a luminária feita de coité



Figura 156 - Luminária de coité

No domingo, antes do retorno ao Rio, Vicente e Giuliano, com os bambus lixados e preparados para sua função de suporte dos estandartes, fizeram um teste, e pudemos visualizar a sala que nos lembrava um “varal de estandartes”...



Figura 157 - Vicente, Giuliano e Denise



Figura 158 - Vicente e Toquinha

Vicente e Marcela utilizaram prioritariamente materiais como tecido, bambu, corda, barbante e coité na montagem da Casa de Memória. No entanto, Vicente nos alerta que o uso do bambu, assim como de outros materiais considerados ecológicos por serem de ciclo mais renovável (no caso do bambu, ele nasce em 7 anos) não resolve os impactos de um paradigma calcado na

exploração, no excesso, no consumo desenfreado e na cultura do descartável que ainda predomina em nossos dias.

*(...) Se você só coleta, só tira, você nem sabe plantar um bambu, se você não faz um manejo no bambuzal na hora que você vai coletar, você não tá pensando na manutenção do material que você tá usando. Porque a nossa cultura é extrativista. Só sabe tirar, a gente não sabe plantar. então, por exemplo, hoje é moda trabalhar com bambu. Lógico que é mais ecológico. Pro ambiente faz diferença porque o ciclo do bambu é mais renovável mesmo (7 anos). Mas não dá pra você achar que o material é que resolve a situação. Tem que pensar o sistema inteiro. Se você não mudar o sistema não vai adiantar nada. Se você continuar a fazer com o bambu a mesma forma que você fazia com os outros materiais antes, por mais que ele seja renovável não vai funcionar. Na situação que a gente tá, a gente não pode mais ficar produzindo em série tanto assim. Porque a gente só produz lixo. Tudo vai pro lixo depois porque no mês seguinte aparece uma coisinha diferente para ser consumida. Acho que hoje em dia o único jeito de tirar o humano do descaminho é por um contato muito direto com a natureza ser afetado por ela. Acho que só ela tem força pra isso. (...) E precisamos entender que o objeto e as pessoas não funcionam sozinhas. Tá tudo ligado. Eu acho que a grande questão é entender as relações.*

A crítica a uma concepção de progresso calcada na exploração da natureza, contida no discurso de Vicente, faz ressonância com a reflexão de Löwy (2005) sobre uma das teses sobre o conceito da história de Walter Benjamin:

A última parte da tese XI é de uma extraordinária atualidade: trata-se de uma crítica radical à exploração capitalista da natureza, e à sua glorificação pelo marxismo vulgar, de inspiração positivista e tecnocrática. Também nessa área, Benjamin ocupa uma posição singular no panorama do pensamento marxista da primeira metade do século. Antecipando as preocupações ecológicas do final do século XX, ele sonha com um novo pacto entre os humanos e seu meio ambiente (p.105).

Em referência a um dos textos de Benjamin de “Rua de mão única”, Löwy (2005) afirma que as teses de 1940 são como “uma espécie de *aviso de incêndio* dirigido a seus contemporâneos, um sino que repica e busca chamar a atenção sobre os perigos iminentes que os ameaçam, sobre as novas catástrofes que se perfilam no horizonte” (p.32).

Esta reflexão me faz pensar mais uma vez na dimensão onírica da experiência humana. Penso que muitas vezes, nos sonhos, “os sinos repicam”, o “alarme de incêndio” (Benjamin, 1994, p.45) se faz presente, nos levando durante o sono ao estado de *despertar*.

*Sonho<sup>54</sup> que Vicente vai a Polônia. Me espanto: fazer o quê? Ele não diz, só anuncia que precisa ir. Marcela também vai, mas só no dia seguinte. Muito tranqüila, ela me diz que o médico liberou. Mas fico inquieta: o que fará Marcela, grávida, na Polônia? O que de tão urgente leva este casal até lá?*

Acordo sem nada entender. No dia seguinte, vejo no Jornal Nacional: começou nessa segunda-feira, primeiro de outubro, em Poznań, na Polônia, a 14<sup>a</sup> Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas.

## 5.8 O Clubinho de Leitura

*Um livro, uma página de livro apenas, ou menos ainda,  
uma simples gravura em um exemplar antigo,  
herdado talvez da mãe ou da avó,  
poderá fertilizar o terreno  
no qual a primeira e delicada raiz desse impulso  
começa a se desenvolver.  
(Walter Benjamin, 1984, p.48)*



Figura 159 - Postal “Meninas lendo livro” escrito por Toquinha

Eu sou escritora, e fiquei muito emocionada ao ver duas crianças lendo meu primeiro livro: Dicionário de Lembranças. Eu gosto muito de ler e escrever. Você também gosta de escrever histórias? E de ler livros? Abraços!  
Maria de Lourdes

<sup>54</sup> Sonho da pesquisadora em 30 de novembro de 2008. Marcela estava então, grávida de 3 meses.

Um dos desejos mais antigos de Toquinha era criar um espaço de leitura em sua terra natal. A escritora das roças de Minas queria estimular o encontro entre as crianças e o livro pois:

Compreender o significado de ler e escrever como experiência cultural implica pensar a coletividade, o sentido da vida, da morte, da história, percebendo a dimensão formadora da leitura e da escrita para além do seu caráter instrumental (Kramer, 2003, p. 32).

Assim, em 2002, enquanto escavávamos o solo de memória do Córrego, Toquinha deu início a seu projeto mais precioso e criou o Clubinho de Leitura abrindo uma mala carregada de livros doados por “próximos”.



Figura 160 - Fundação do Clubinho de Leitura em 2002 – Crianças se inscrevendo



Figura 161 - A primeira mala de livros doados (2002)

*Toquinha: O Clubinho de Leitura é a menina dos meus olhos, pois sinto que ali é lugar onde eu dou continuidade a uma história. Para mim conhecimento só tem utilidade se é compartilhado, se entra na massa-do-bolo-do-mundo. Conhecimento trancado em mentes, por mais brilhantes que sejam, de nada servem se não transformam a realidade do mundo – ainda que o alcance do seu mundo, fisicamente falando, seja a casa do seu vizinho – ou a preservem, se for o caso. O saber, a experiência existe para nos enriquecer, para nos tornar melhores, homens melhores. Saber ler e escrever de verdade é a porta para a liberdade. E é pensando assim que eu me dedico ao Clubinho de Leitura. Neste trabalho coloco minha crença de que o que eu aprendi e me serviu de porta para a liberdade e para a minha afirmação como pessoa, de pouco terá serventia se ficar encerrada em mim. Eu quero transmitir o que recebi da vida.*

Como narrei no primeiro capítulo, meu encontro com Toquinha foi desencadeado a partir do curso de Especialização em Educação Infantil da PUC-Rio em 1997. Escrevia uma monografia sobre a qualificação de babás e berçaristas e refletia sobre a construção do leitor/escritor nos cursos de formação de profissional de creche quando Luana me chamou para o lançamento de um livro de contos que Toquinha participava. Assim, conheci Maria de Lourdes e comecei a adentrar pelo Córrego dos Januários.

Relendo o artigo originado pela monografia, me deparei com o trecho onde escrevo sobre a importância da formação do leitor em cursos de profissionais de educação infantil e com uma citação do livro de Lygia Bojunga intitulado “Livro”. Na verdade, termino o artigo com ela:

E penso nos livros que estão à espera de todos nós, em algum lugar, aguardando pacientes um novo encontro. Sentimento este que Lygia Bojunga Nunes (1990) descreve lindamente ao descobrir uma nova face do livro: “*E tão encantada de ver a outra cara bonita que o livro me mostrou aquela noite: a cara da paciência. Ele espera pela gente. Feito coisa que ele sabe que o caso com a nossa imaginação vai ser tão mágico, tão sem limite, que vale a pena mesmo esperar*” (p.29). Um dos papéis dos profissionais envolvidos nos cursos de formação, é favorecer este encontro, encurtar essa espera, para que, quem sabe assim, possamos ver diminuída a distância que há entre leitores e livros, entre cursos de formação e a vida (Gusmão, 1997, p.91-92).

Encurtar a espera entre leitores e livros... Não podia então imaginar que a promessa contida ali não só viria se realizar como também teria o apoio da própria Lygia Bojunga! Nossa cadeia de “próximos” nos levou através da educadora

Francisca Valle<sup>55</sup> até o Projeto Paiol de Histórias da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga. Coordenado por Francisca, o projeto acontece em Pedro do Rio, distrito de Petrópolis (RJ).

Na primeira viagem que fiz à Pedro do Rio<sup>56</sup>, Toquinha me acompanhou e percebemos rapidamente uma “boa liga” se construindo.



Figura 162 - Toquinha, Lygia, Denise e Francisca

Em nossa conversa, a escritora nos falou um pouco do Paiol de Histórias e da Fundação Lygia Bojunga, criada graças ao prêmio ALMA.

***Lygia Bojunga:** O que motiva, o que empurra isso tudo é minha paixão pelo livro, que eu sempre tive. O culpado de tudo foi o Lobato que aos sete anos me tornou uma leitora apaixonada e desde então eu não me separei mais do livro. E além de ter sido o meu companheiro de toda a vida, de todas as insônias, um dia ele cisma de comparecer todo mês pra pagar as minhas contas. Então, é ou não é pra dar o troco? E o troco foi a Fundação Cultural que o prêmio Alma possibilitou. Este Prêmio foi da maior importância porque realmente possibilitou que eu fizesse essa pequena Fundação dentro dessa determinação que eu sempre tive de ser independente.*

Nosso encontro perto do fogo acolhedor da lareira do sítio “Boa Liga” revelou uma história que me tocou profundamente. Há quase dois anos atrás, pouco tempo depois de iniciar a Fundação, a casa de Lygia foi assaltada. Como

<sup>55</sup> Conheci Francisca Valle em 2007 através de minha rede familiar. Francisca, eu e Toquinha rapidamente percebemos uma grande sintonia em nossos propósitos e a partir daí estabelecemos uma importante parceria.

<sup>56</sup> O Projeto Paiol de Histórias funciona no sítio “Boa Liga” de Lygia Bojunga em Pedro do Rio, Petrópolis.

não encontraram nada de valor, os ladrões com raiva, atearam fogo na sala onde ficava a biblioteca da escritora, com um acervo criado por Lygia desde seus 7 anos. Lygia estava no Rio de Janeiro e assim que recebeu a notícia, subiu a serra e encontrou sua biblioteca totalmente destruída. No relato emocionado da escritora, percebemos uma grande dor mas também uma imensa determinação e força em prosseguir com seus objetivos. Um dos projetos da Fundação é doar pequenas bibliotecas para espaços que se propõe a trabalhar a formação do leitor. Que cruel ironia da vida! Pouco tempo depois desse projeto iniciar, a biblioteca de Lygia foi reduzida à cinzas. Apesar disso, ela permaneceu inabalável em seu projeto de “dar o troco” e ainda naquela noite soubemos que o Clubinho de Leitura, receberia da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, uma minibiblioteca.

Naquele mesmo dia, antes do encontro com Lygia Bojunga, Toquinho e eu fizemos uma oficina “Carta para-ti”, convidando os meninos do Paiol à conhecer através do varal de “contos e imagens” e dos postais, o Córrego dos Januários. A narrativa de Francisca nos leva novamente até aquela tarde de inverno no sítio “Boa Liga”:

***Francisca:** Naquela quarta-feira, 25 de julho de 2007, Toquinho leu, na roda, o livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, e lembro-me muito bem que ao terminar a leitura, Lorraine, uma de nossas crianças, estava tão emocionada que bateu palmas e todos a seguiram. Que força tem um livro bem escrito, na voz de um leitor! Neste dia, a roda de histórias foi seguida da “leitura” do Varal de Fotos dos Januários, preparado harmoniosamente por Denise e Toquinho, partindo do estandarte até a mesa onde os postais e a caixa de correio esperavam por nós e pelas nossas respostas. Conhecer e reconhecer pessoas, gostos e fazeres através de cartões postais. Que idéia bonita! Simples e direta. E cada um de nós escolheu um postal para responder e ilustrar.*

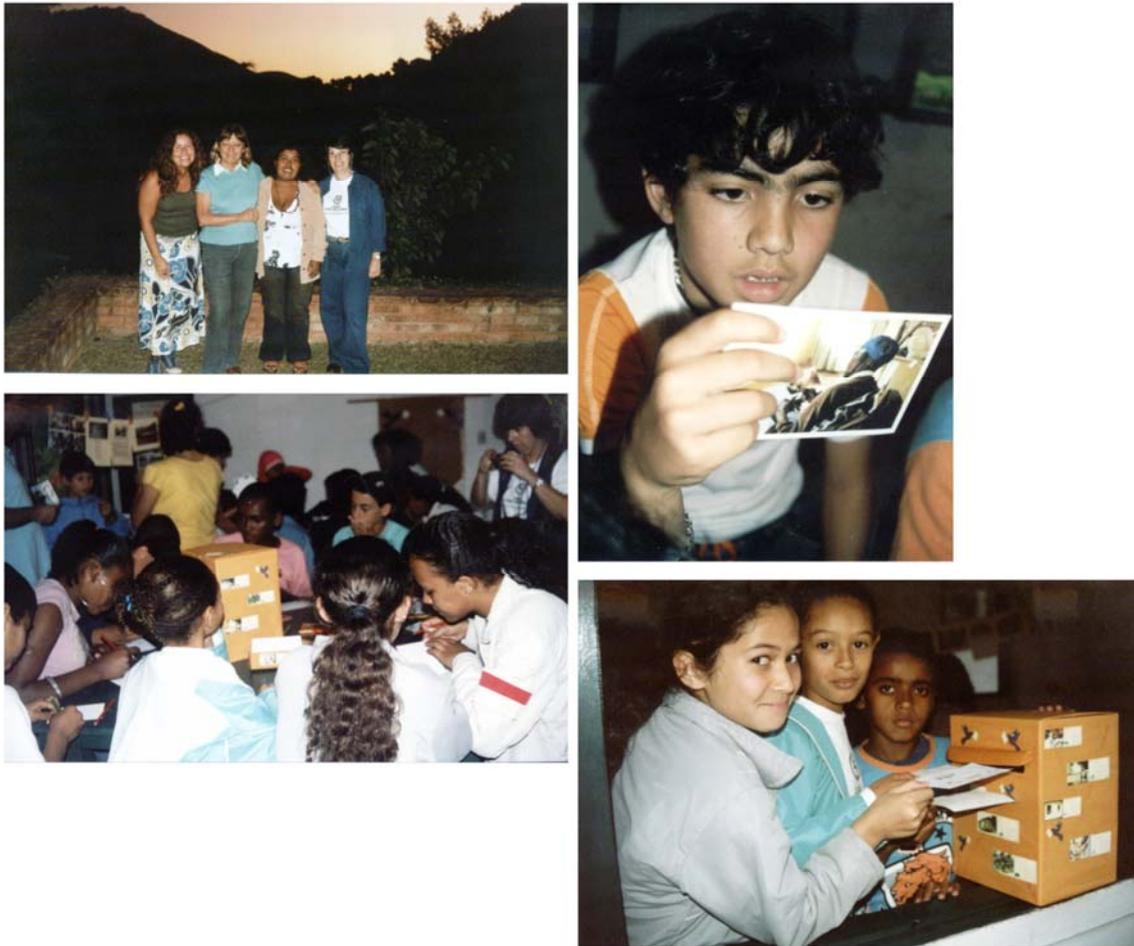


Figura 163 - Oficina “Carta Para-ti” no Paiol de Histórias

**Francisca:** Na semana seguinte, na nossa rodona costumeira, avaliamos-rememorando aquele dia. “Toquinha escreveu um livro e contou a história do lugar dela” (Bruno), “as fotos me fizeram lembrar Sardual” (Juninho), “respondi para alguém que perguntou se eu gostava de música e de estudar. Gostei desta forma de me comunicar” (Felício,) “achei lindo o estandarte” (Larissa), “Toquinha contou porque o apelido é este se o seu nome é Maria de Lourdes” (Pâmela), “mandei meu postal para uma senhora que estava com uma vassoura de alecrim varrendo o quintal, “minha vó faz vassoura com varetinha de bambu” (Amanda), “eu também escrevi para D. Zilmar que fez a vassoura de alecrim e gostei da experiência de escrever para alguém de longe” (Thiago), “o pássaro inhapim é que deu o nome à cidade” (Luis Felipe), “tia Felícia tem o mesmo nome do Felício” (Bianca). No nosso varal de lembranças ficaram estas e muitas outras porque neste contexto “conhecimento e sensibilidade, linguagem e vida estavam indissociáveis” conforme Denise escreveu na sua dissertação de mestrado, inspirada em Bakhtin.



Figura 164 - Grupo do Paiol de Histórias

A partir do contato com o trabalho sensível de Francisca, Toquinha e eu começamos a pensar na troca de postais como mais uma estratégia para *encurtar a espera entre leitores e livros*. Afinal, não basta a existência de um acervo literário para que os leitores se constituam. Possuidora de um rica experiência atravessada pela literatura, Toquinha desejava compartilhar sua paixão pelos livros como quem defende a convivência com Monteiro Lobato, Clarice Lispector e tantos outros, como um direito inalienável da vida.

*Toquinha: Eu sei que os livros são bons companheiros, mas isso para muitos é segredo. É preciso ajudá-los a desvendar mistérios nas entrelinhas, a apaixonarem-se por um texto por dentro das capas. Eu rio sozinha lendo as trapalhadas e as inteligentes tiradas da boneca Emília, personagem de Monteiro Lobato. Quanta personalidade para um boneca de pano! E os poemas de Drummond? Os textos de Clarice Lispector? O que dizer do poeta Manoel de Barros? E os poetas populares? E pela palavra e pelas cores eu conheci Frida Kahlo, e me emocionei... Eu só quero ajudar que as palavras se aproximem mais dos meninos da minha terra, e de outras terras também...*

Em outubro de 2007, as crianças e jovens do Paiol de Histórias começaram uma correspondência<sup>57</sup> com o Clubinho de Leitura tendo como foco o LIVRO. A troca de postais se transformou num grande estímulo para que os meninos do Clubinho se aproximassem do valioso acervo recebido da Fundação Lygia Bojunga. Deste acervo, constam livros de Bartolomeu Campos Queirós, Sílvia

<sup>57</sup> Ao longo do segundo semestre de 2007, fiz algumas viagens à Pedro do Rio onde levava a correspondência dos meninos do Clubinho de Leitura e trazia a resposta dos meninos do Paiol de Histórias.

Orthof, Ana Maria Machado, Eva Furnari, Francisco Gregório, Ziraldo, José Paulo Paes, Manoel de Barros, Cecília Meireles, etc, além da coleção completa de Lygia Bojunga.

A proposta que formulamos ao grupo do Paiol de Histórias, envolvia a partilha, através de “cartas para-ti”, da experiência deles como leitores. Esta estratégia metodológica se inspirou em Kramer (2003) que destaca a importância de pensarmos a leitura como experiência:

Levar algo da leitura para além do seu tempo, para além do momento mesmo em que se realiza: aqui se reside a dimensão da experiência. (...) Quando penso na leitura como experiência (na escola, na sala de aula, ou fora delas), refiro-me a momentos em que fazemos comentários sobre livros ou revistas que lemos, trocando, negando, elogiando ou criticando, contando mesmo. Situações em que – tal como uma viagem, uma aventura – fale-se de livros e de histórias, contos, poemas ou personagens, compartilhando sentimentos e reflexões, plantando no ouvinte a coisa narrada, criando um solo comum de interlocutores, uma comunidade, uma coletividade. O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente onde a leitura é partilhada e onde tanto quem lê, quanto quem propiciou a leitura ao escrever, aprendem, crescem, são desafiados.

Neste trabalho não vou me deter na análise do grande material colhido durante a troca das “cartas para-ti” mas quero registrar, através de dois exemplos, o valor desta estratégia metodológica para pensarmos a formação do leitor. Os dois postais que apresentarei a seguir foram escritos por Fabrício e Felipe do Paiol para Cássio e Jader do Clubinho.



Figura 165 - Cássio, Denise e Renan no Clubinho de Leitura – Córrego dos Januários

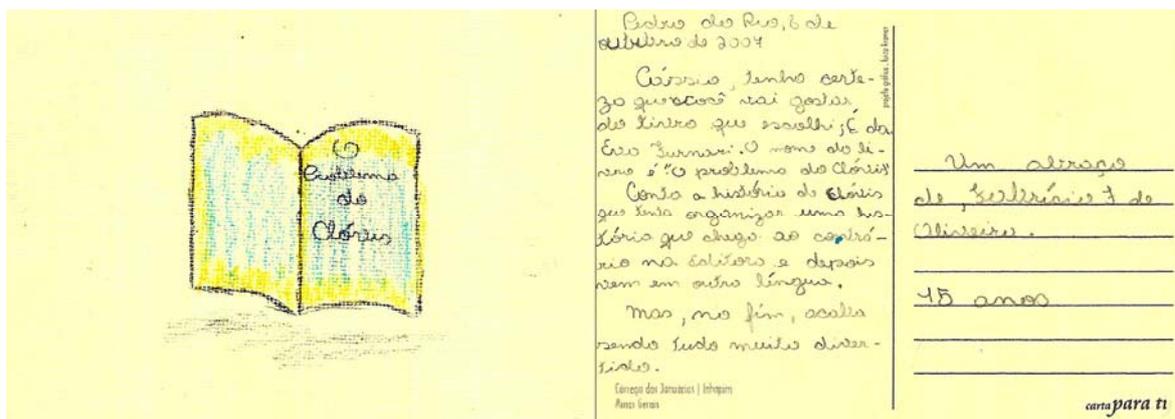


Figura 166 - Postal de Fabrício para Cássio

Pedro do Rio, 8 de outubro de 2004.

Cássio, tenho certeza que você vai gostar do livro que escolhi. É da Eva Furnari. O nome do livro é “O Problema do Clóvis”. Conta a história de Clóvis que tenta organizar uma história que chega ao contrário na editora e depois vem em outra língua. Mas no fim, acaba tudo muito divertido. Um abraço de, Fabrício F. de Oliveira. 15 anos

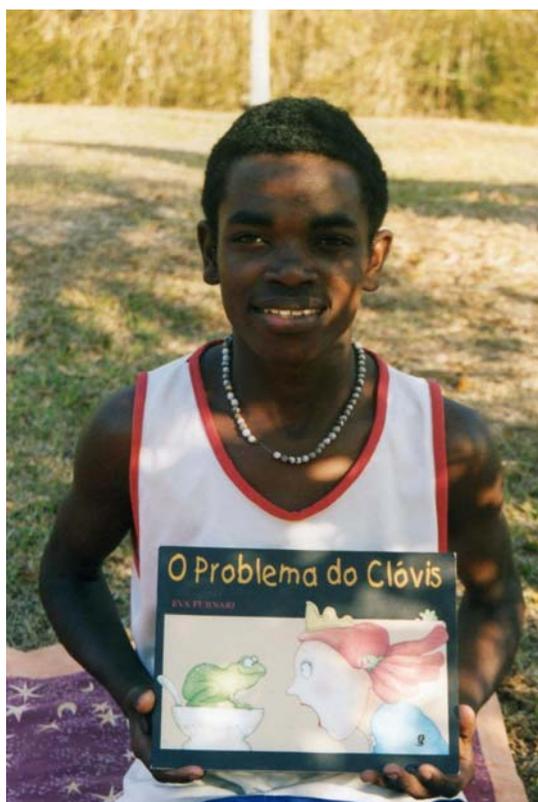


Figura 167 - Fabrício

A “carta para-ti” de Fabrício traz a intenção de despertar interesse no leitor do Clubinho. Sávio, irmão de Cássio, decidiu responder à Fabrício e revela na ilustração de seu postal, uma “leitura” de “O problema de Clóvis”, antes mesmo de tê-lo nas mãos.

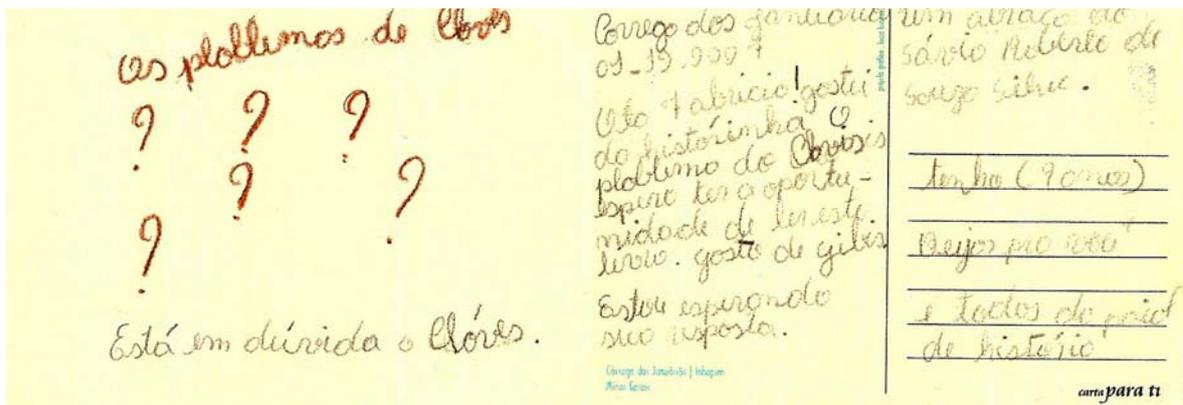


Figura 168 - Postal de Sávio para Fabrício

Córrego dos Januários, 01-12-2007

Olá Fabrício! Gostei da historinha “problema do Clóvis”. Espero ter a oportunidade de ler este livro. Gosto de gibis. Estou esperando sua resposta. Um abraço do Sávio Roberto de Souza Silva. Tenho 9 anos. Beijos pra você e todos do Paiol de História.

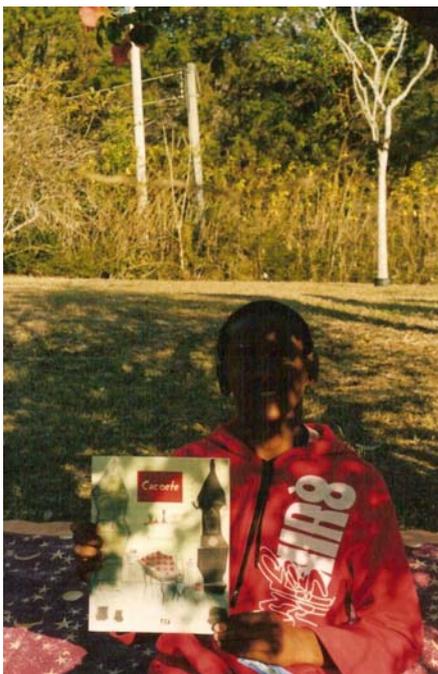


Figura 169 - Felipe

No exemplo a seguir, Felipe faz uma criativa brincadeira com o título de um de seus livros preferidos:

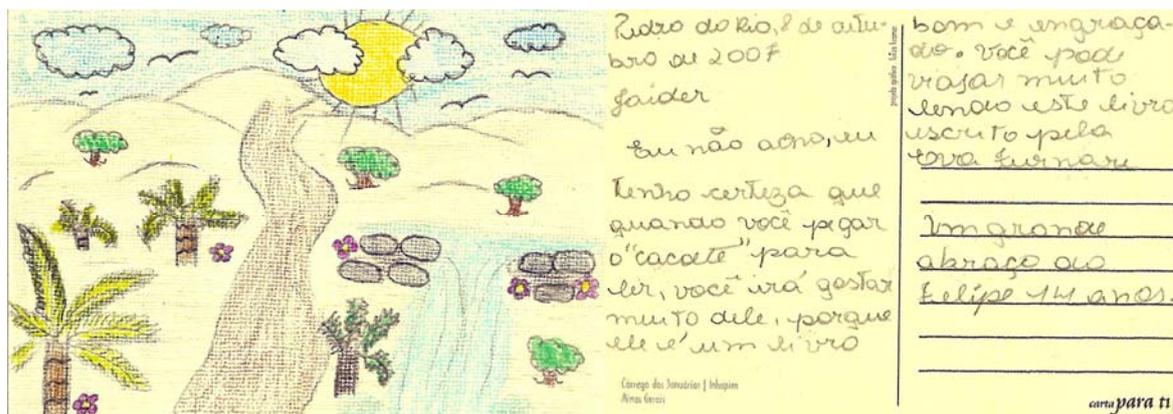


Figura 170 - Postal de Felipe para Jaider

Pedro do Rio, 8 de outubro de 2007

Jaider, Eu não acho, eu tenho certeza que quando você pegar o “Cacoete” para ler, você vai gostar muito dele, porque ele é um livro bom e engraçado. Você pode viajar muito lendo este livro escrito pela Eva Furnari. Um grande abraço do Felipe 14 anos

A resposta ao postal de Felipe foi feita à várias mãos:



Figura 171 - Postal do Clubinho para o Paiol

Para o paiol de histórias inspirado no postal do Felipe.

Nós do Clubinho de Leitura gostamos muito da ideia de pegar o “cacoete” de ler livros. Essas cartinhas contagiam e nos deixam curiosos para ler estes livros. Abraços! Jaider, Branca, Mª de Lourdes, Sávio Roberto, Caio Alexandre, Larissa, Talles, Cássio, Edervanio, Renan, Denise, Mirian, Rita Dias.

A feliz expressão “pegar o cacoete de ler” que emergiu desta correspondência entre o Paiol e o Clubinho, revela a fertilidade de práticas de incentivo à leitura que se fundam na experiência, na narrativa, no encontro. As “cartas para-ti” ao provocarem o diálogo entre os meninos de Minas e o grupo de Petrópolis, se tornaram ponte entre leitores e livros, *encurtando essa espera*. Pois:

Compreender o significado de ler e escrever como experiência cultural implica pensar a coletividade, o sentido da vida, da morte, da história, percebendo a dimensão formadora da leitura e da escrita para além do seu caráter instrumental (Kramer, 2003, p.32).



Figura 172 - Grupo do Clubinho de Leitura: Branca, Rita, Mirian, Jaider, Larissa, Renan, Cássio e Caio



Figura 173 - Francisca, Denise e grupo Paiol de Histórias – Sítio Boa Liga-Pedro do Rio, Petrópolis-RJ

*Francisca Valle: Além das imagens, das fotos, nossa memória está enriquecida pelos livros, pelas leituras que fazemos: em Pedro do Rio, Petrópolis e no Córrego dos Januários, em Inhapim – no Paiol de Histórias e no Clubinho de Leitura. Da leitura do mundo à leitura da palavra, já nos ensinou Paulo Freire.*

A correspondência entre o Paiol e o Clubinho tramada pelo afeto e interesse no universo literário faz parte de um livro que organizamos e se encontra hoje no Clubinho de Leitura na Casa de Memória e Cultura.



Figura 174 - Menino vendo o livro do Projeto “Carta para-ti”  
(Foto de Ana Andrade)

Além de uma minibiblioteca e das almofadas pintadas pelas crianças, o Clubinho de Leitura conta também com o que denominamos de “Painel dos Escritores”.



Figura 175 - Larissa  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 176 - "Painel dos Escritores" na sala do Clubinho de Leitura  
(Foto de Ana Andrade)

Neste painel, apresentamos postais de alguns escritores e professores que como “próximos” (Ricoeur, 2007) participaram de alguma forma de nosso percurso na consolidação da Casa de Memória e Cultura dos Januários. Dentre as “cartas para-ti” endereçadas ao Clubinho de Leitura, está a do escritor Daniel Munduruku destacada no capítulo anterior e a de Lygia Bojunga:



Figura 177 - Lygia escrevendo postal para o Clubinho

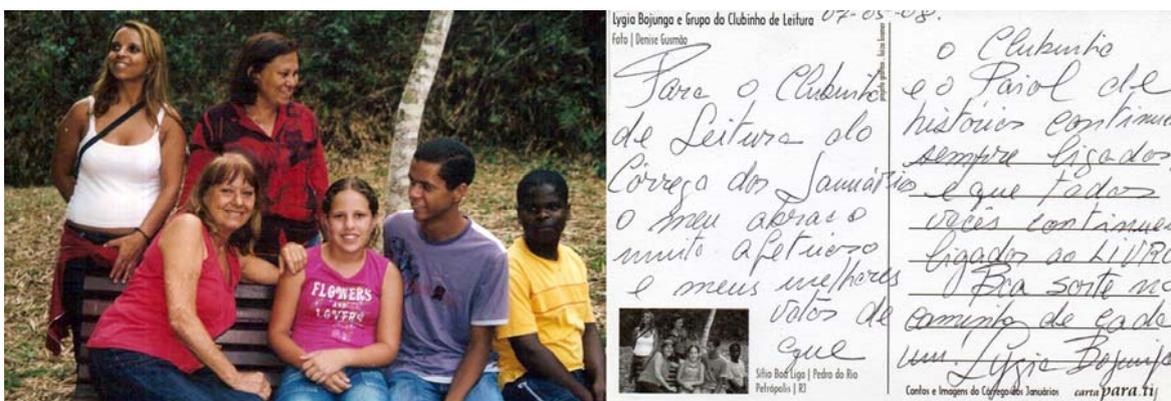


Figura 178 - Postal de Lygia Bojunga para o Clubinho de Leitura

Para o Clubinho de Leitura do Córrego dos Januários o meu abraço muito afetuoso e meus melhores votos de que o Clubinho e o Paiol de histórias continuem sempre ligados, e que todos vocês continuem ligados ao livro. Boa sorte no caminho de cada um.  
Lygia Bojunga

A presença dos postais das professoras Solange Jobim e Sonia Kramer no “Painel dos Escritores” nos remete mais uma vez aos “próximos” da pesquisadora. Ao longo de toda a trajetória desta pesquisa, a prof. Solange Jobim e Souza não só me orientou no arcabouço teórico que dá sustentação à este percurso de memória como também se colocou ao meu lado no compromisso ético e político de consolidar a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. A professora

Sonia Kramer é fonte inspiradora de todo processo de construção do conhecimento que atravessou esta pesquisa e que se iniciou em 1995, no curso de Especialização em Educação Infantil da PUC-Rio.

Ao tê-las como “próximas” durante todos esses anos, sou sabedora do valor que possuem não só para mim mas principalmente para todos que se sentem comprometidos na luta por uma educação contra a barbárie. Esta consciência me levou a querer apresentá-las para as crianças, jovens e professores que trabalham e trabalharão com o Clubinho de Leitura. Através de seus textos escritos nos versos dos postais, Solange Jobim e Sonia Kramer deixam mensagens sensíveis reforçando um pensamento, que ambas comungam, de que conhecimento e vida são indissociáveis:

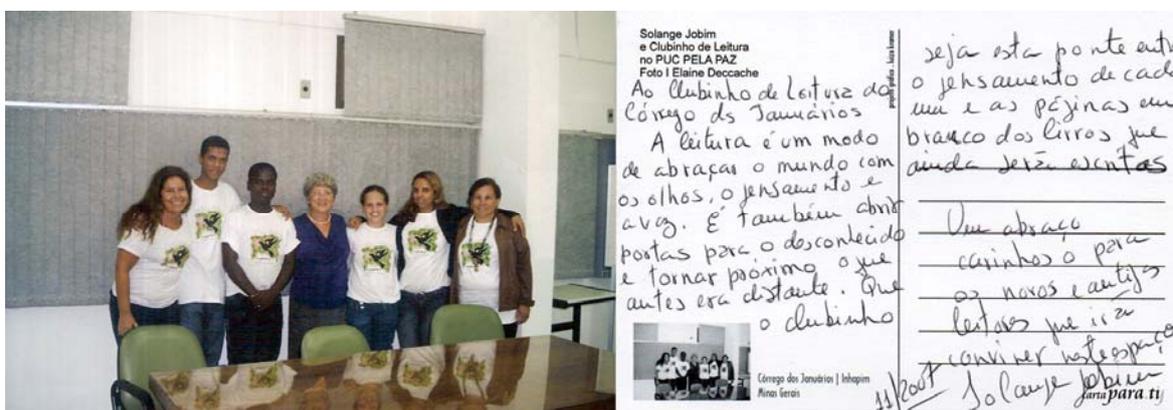


Figura 179 - Postal de Solange Jobim para o Clubinho de Leitura

Ao Clubinho de Leitura do Córrego dos Januários,  
 A leitura é um modo de abraçar o mundo com os olhos, o pensamento e a voz. É também abrir portas para o desconhecido e tornar próximo o que antes era distante. Que o Clubinho de Leitura seja esta ponte entre o pensamento de cada um e as páginas em branco dos livros que ainda serão escritos. Um abraço carinhoso para os novos e antigos leitores que irão conviver neste espaço,  
 Solange Jobim



Figura 180 - Postal de Sonia Kramer para o Clubinho

Ao Clubinho de Leitura:

Escrevo para contar que a leitura para mim é aventura. Os livros me ensinam, me movimentam, desafiam, sensibilizam, humanizam. E vocês? O que os livros e a literatura provocam em vocês? Um beijo da  
Sonia Kramer

Diante destes postais, encontro nos escritos de Benjamin (1995) uma forte identificação:

Entre os postais de minha coleção, havia alguns cujo texto escrito no reverso se fixou mais nitidamente à minha memória que a própria imagem. Traziam uma assinatura bela e legível: Helena Pufahl. Era minha professora. O P com que começava era o de pontualidade, de primor, de pundonor; o F indicava fidelidade, fervor, fortaleza, e quanto ao L final, parecia ser o de leveza, de louvor, de lirismo. Portanto, se aquela assinatura consistisse apenas de consoantes, como numa língua semita, teria sido não só a sede da perfeição caligráfica, mas também a fonte de todas as virtudes (p.92).

Mas há ainda um “conto e uma imagem” deste painel que quero destacar: A fotografia de Toquinha ao lado da estátua de Carlos Drummond de Andrade acompanhada do trecho de seu conto inédito “Convite” dedicado ao poeta mineiro:



Figura 181 - Toquinha junto da estátua de Drummond, em Copacabana - RJ

O café esfriava na xícara enquanto eu relia e via, por entre as bananeiras dele, a minha mãe. Entre as laranjeiras, a casa que tinha cheiro de café bem de manhãzinha e os jardins de rosas brancas e dalias coloridas. Um grito de mãe chamando menino pra dentro de casa porque já é noite. Minha boca recuperara um sorriso que andava distante e uma saudade grande como poucas. (...) Ele, a essa altura, devia estar em casa brincando de esconde-esconde com as palavras. Ou talvez estivesse junto de mim, e isso seria uma honra, mostrando o caminho menos

difícil para quem deseja ser um escrevedor de lembranças, sonhos e de sentimentos.

Como “escrevedora de lembranças, sonhos e sentimentos”, Toquinha vislumbra um mundo onde a poesia e os poetas façam parte do cotidiano de todos. Solange Jobim e eu nos aliamos a esse projeto e acompanhadas também pelo pensamento de Kramer (2003), vemos o Clubinho de Leitura como um espaço de educação contra a barbárie:

A humanidade não resolveu seus mais básicos problemas de aceitação do outro, de reconhecimento das diferenças e da pluralidade, e é contra a injustiça e a desigualdade que marcam a história humana que precisamos direcionar nossas ações educacionais e culturais. Devemos resistir a um presente e a uma história de barbárie e opressão. E falo disso não porque suponho de modo leviano que a leitura e a literatura podem ser panacéia, antídoto ou vacina, mas falo como uma idéia que me persegue, como um alerta. Continuamos assistindo a uma brutal diminuição da capacidade de indignação, resistência e de crítica, a um atroz (des)humanização e perda de valores, ao progressivo empobrecimento do diálogo. O avanço científico e tecnológico tem servido para manter a desigualdade ao invés de contribuir para melhorar as condições de vida das pessoas. Educar crianças e jovens neste contexto é um dos nossos desafios. Trabalhando com leitura, literatura e formação, nosso horizonte precisa ser: humanização, resgate da experiência humana, conquista da capacidade de ler o mundo, de escrever a história coletiva, de expressar-se, criar, mudar (p.31-32).

Em total sintonia com Kramer (2003), Toquinha afirma:

*Lá no Clubinho de Leitura está a promessa de muita diversão, de aprendizado, de ter meninos mais valorizados pelo que são, pelo que sonham. Meninos incentivados a desejar e criar mundos novos, outros caminhos, trilhas próprias para a felicidade merecida.*



Figura 182 - O Clubinho de Leitura no dia da inauguração  
(Foto de Ana Andrade)

## 5.9

### Portas abertas: chega o dia da inauguração<sup>58</sup>

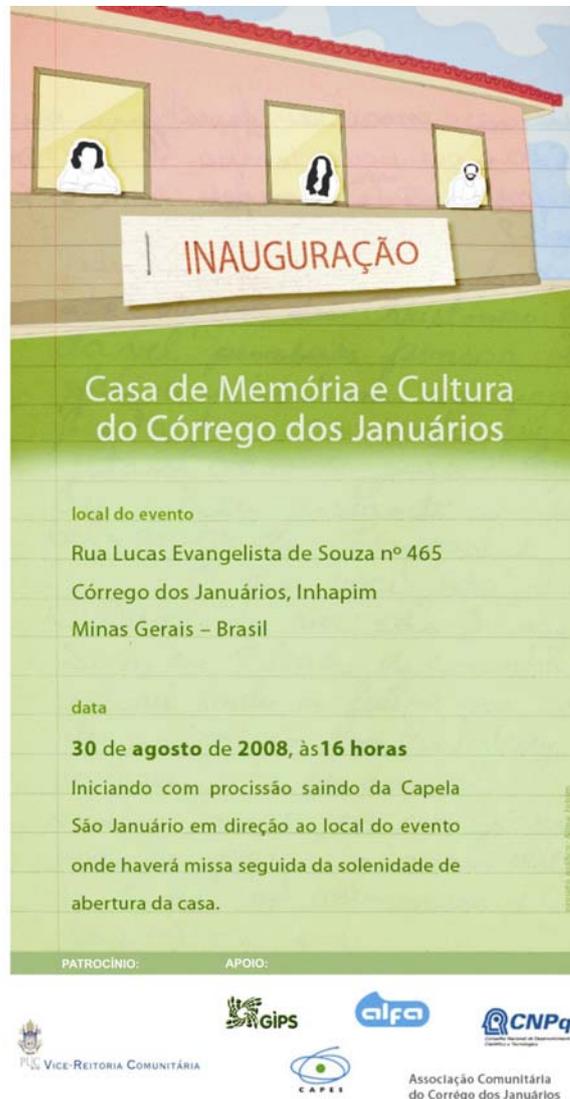


Figura 183 - Convite da inauguração- Arte final:Aline Jobim

<sup>58</sup> A narrativa deste trabalho se dá no entrelaçamento de palavras e imagens onde múltiplas vozes e olhares se colocam. Neste momento do texto em que é preciso apresentar o ponto culminante deste percurso de memória, este estilo de narrativa polifônica ficará ainda mais explícito.

### 5.9.1 A preparação da casa

Na viagem de julho de 2008 à Minas, Vicente e Giuliano prepararam a iluminação da casa assim como os suportes de arame onde ficariam os estandartes da sala principal. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, Marcela fechava todos os arquivos dos estandartes e dos painéis “Carta para ti”, “Maria de Minas” e o Painel dos Escritores para mandar para o Studio Alpha, local onde foram impressos os panos.

***Marcela:** A seqüência narrativa da exposição foi algo muito conversado sempre em nossos encontros e por ser tão “especial”, foi nossa última grande realização. Denise e Toquinho conseguiram fazer uma surpreendente síntese e eu fiquei encarregada de fazer a diagramação. A diagramação dos 13 estandartes frente e verso foi toda feita durante os 4 dias de viagem de Vicente, Gil, Toquinho e Denise para o Córrego. Como eles estavam lá e eu aqui, pensava muito neles, no que estavam fazendo, em que pé estaria a montagem, se a diagramação estaria de acordo com o espaço. Comigo eu levava algumas anteriores imagens e contos do Córrego e essas se cruzavam com as imagens relatadas por Denise. Imagens geradas naquele produto que estava sendo criado para aquele espaço, e imagens do desejo de ver todos os que eu já conhecia, os que eu não conheceria e os que eu viria a conhecer, todos, todos reunidos em um grande cruzamento de memórias e atualidades, imagens e contos individuais, coletivos, de lembranças, de “inventanças”, e de projetos, imagens projetadas do futuro.*

***Vicente:** Esse último mês de trabalho foi o mais intenso. Era ajustando arquivos no computador, costurando estandartes e painéis, negociando o tempo das impressões na gráfica, para que tudo estivesse pronto no dia da inauguração. Nossa casa durante duas semanas se transformou num ateliê, eram panos impressos na sala para serem cortados no formato do estandarte, os cortados numa pilha ao lado da máquina de costura para serem costurados, o computador ligado para acertar os últimos arquivos, dos painéis dos escritores e o Maria de Minas, que contava a história de Toquinho. Tudo pronto, embalado e empacotado. Embarcamos para nossa última viagem ao Córrego.*

Por volta de 5 horas da manhã do dia 29 de agosto de 2008, Vicente, Marcela, Giuliano e eu chegamos de ônibus em Inhapim. Levávamos na bagagem todos os painéis a serem montados na Casa de Memória e Cultura: 13 painéis frente e verso para os estandartes, o Painel dos Escritores, o Painel “Carta para-ti” e o Painel “Maria de Minas”.

Ao chegar na cidade, Vicente e Marcela foram para o Córrego (à 6 km de Inhapim) encontrar Toquinho que chegara à Minas dias antes para junto com a comunidade tomar providências em relação aquele momento tão esperado e desejado por todos nós.

Quanto a mim, fui para um hotel da cidade. Era a primeira vez que eu não me hospedava na casa de moradores do Córrego. As casas na comunidade estavam lotadas, com muitos familiares vindos especialmente para a inauguração e precisávamos do hotel para receber um grande grupo do Rio de Janeiro.

Depois de um breve descanso, fui para a Casa de Memória me juntar ao grupo na preparação da casa para o dia seguinte. Logo que cheguei, me deparei com uma cena que daria o tom de todo aquele dia: mãos na massa! Toquinha passava barro branco no forno de barro, recém construído por João Donato para a cozinha externa da Casa de Memória e Cultura.



Figura 184 - Toquinha passando barro branco no forno de barro

A força do coletivo se revelou uma característica marcante em todo o percurso de memória no Córrego e não podia deixar de ser assim na véspera da inauguração. Todos preparando a grande festa. Um altar de bambu foi construído por José do Carmo e Tereza que também jogavam água no terreiro para assentar a poeira que estava intensa devido a forte seca na região.



Figura 185 - José do Carmo e Tereza preparando o altar para a missa

As mulheres rendeiras também estavam lá. Adélia passava uma cortina de chita para o armário da cozinha típica da roça diante do olhar de Judith enquanto Marcela passava o estandarte de São Januário para a procissão. Os estandartes de Santana, São Vicente de Paulo e Nossa Senhora Aparecida, aguardavam sua vez.



Figura 186 - Adélia e Judith



Figura 187 - Marcela

Quanto a mim, me juntei aos meninos do Clubinho e fomos primeiro colocar os postais nos envelopes de correio lindamente bordados por Marcela no Pannel “Carta para-ti”. Em seguida, montamos o móbile de fotos apresentando o processo das oficinas em Paraty e no PUC PELA PAZ.

Figura 188 - Larissa, Denise e Juninho  
(Foto de Giuliano)



Figura 189 - Edervanio, Dayane, Denise, Edilaine e Janderson  
(Foto de Giuliano)

Giuliano e Vicente trabalhavam sem parar na montagem dos 13 estandartes e eu ia ficando encantada com o resultado...



Figura 190 - Giuliano e Vicente



Figura 191 - Denise, Vicente e Giuliano  
(Foto de Toquinha)

Depois, Marcela deu os últimos retoques nas fitas dos estandartes dos santos em meio aos lindos barrados de barbante dos estandartes preparados pelas três mulheres do Januário.



Figura 192 - Marcela

No final do dia Toquinha nos surpreende mostrando seu feito: uma escada de bambu<sup>59</sup> para facilitar o acesso à Casa de Memória e Cultura.



Figura 193 - Toquinha

À noite voltei para o hotel de Inhapim e junto com Toquinha e Edervanio, recebemos Solange Jobim, Vicente Souza, Aline Jobim e minhas colegas do GIPS, Luciana e Elaine. Francisca Valle e Aparecida representando o Paiol de História, vieram de Petrópolis no mesmo ônibus que a fotógrafa Ana Andrade e Fátima, que trabalhou como assistente de Ana na cobertura fotográfica de tudo que estávamos prestes a viver.

Dois dias antes de sair do Rio, recebi a notícia de que o Projeto Comunicar da PUC-Rio mandaria um jornalista e um câmera para cobrir o evento. Na van da equipe que trouxe Carlos Heitor, Jorge e Aurélio, uma surpresa nos aguardava: Ângela Sampaio, esposa do prof. Augusto Sampaio (vice-reitor comunitário da PUC-Rio) e sua amiga Nair Mora vieram não só prestigiar a inauguração da Casa

---

<sup>59</sup> Toquinha que estuda Letras na PUC-Rio, estava matriculada na disciplina Tópicos Especiais em Design XV ministrada por Vicente e mostrou, orgulhosa, seu rápido aprendizado.

de Memória e Cultura como também conhecer a terra natal de Stella Matutina Chaves.

Assim que Solange encontrou Edervanio, lhe entregou uma declaração por sua participação como meu assistente de pesquisa.



Figura 194 - Edervanio recebendo carta de Solange Jobim

Por todo o vivido, aquela sexta-feira foi sem dúvida um dia para não esquecermos mas era preciso descansar para o dia da inauguração que enfim estava chegando.

### 5.9.2

#### O grupo do Rio de Janeiro no Córrego dos Januários

No sábado pela manhã, a equipe de reportagem da PUC saiu logo cedo para o Córrego. Com Toquinho por lá tomando várias providências para o evento de inauguração, me tornei cicerone do grupo do Rio de Janeiro em Inhapim.



Figura 195 - Igreja Matriz de Inhapim  
(Foto de Ana Andrade)

Ângela e Nair estavam ansiosas para conhecer o Museu Casa do Bentoca onde Stella Matutina Chaves havia trabalhado. O historiador Aloysius, grande amigo de Stella e um dos organizadores do livro lançado em 2007 como narrei anteriormente, nos encontrou na porta do museu e nos guiou por lá.



Figura 196 - Elaine, Luciana, Francisca, Aparecida, Fátima, Nair, Ângela, Denise, Solange, Vicente, José Áureo e Aloysius  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 197 - Aloysius, Nair e Ângela conversam sobre Stella no Museu do Bentoca (Foto de Ana Andrade)

Nair e Ângela foram colegas de trabalho de Stella no IRB há 30 anos atrás. Depois de se aposentar, Stella veio morar em Inhapim e nunca mais se encontraram. Embora o contato entre elas tenha sido pequeno, era visível as marcas deixadas por ela na memória dessas duas incríveis mulheres. E graças a essas impressões, elas estavam ali, tantos anos depois, adentrando no mundo de Stella Matutina profundamente.

*Nair: Tinha um restaurante muito bom, com lanche, ótimo, baratíssimo. A gente subia, sentava naquelas mesas que dava 4, 6 pessoas e ficávamos, mais ou menos procurávamos as mesmas pessoas. Minha irmã já trabalhava no IRB, e ela tinha lá o grupinho dela. A Stella de vez em quando aparecia com a Aída.*

*Ângela: O que é impressionante é o seguinte: um dia eu estava no serviço médico, e entrou a Stella e falou: vou me aposentar e vou pra Inhapim. Única vez que eu ouvi essa palavra, Inhapim. E aquilo, como é um nome diferente, aquilo ficou guardado, não sei por que, pra aparecer depois. Só por isso. E quando o Augusto falou, e eu comentei em casa, ó, tem uma coisa em Inhapim. E aí resolvi chamar a Nair e vir conhecer a cidade da Stella porque esse Inhapim ficou na minha cabeça, na memória. Aí ainda falei assim: Nair, você vê lá, seja franca comigo, porque é uma viagem longa, mas ela topou vir...*

Depois da visita ao Museu Casa do Bentoca, seguimos de volta ao hotel para nos arrumar e tomar o rumo do Córrego dos Januários. Aloysius, feliz com a possibilidade de falar de sua grande amiga Stella, levou Nair e Ângela até a casa do irmão da memorialista de Inhapim. Pela história que me contaram, parece que Stella estava esperando a visita:

**Ângela:** *Aquela senhora e o café... Foi tão bonito aquilo.*

**Nair:** *A Stella disse que quando ela recebesse alguma amiga dela, servisse café fresco.*

**Ângela:** *Nenhuma pessoa viesse aqui procurar por ela ou falar com ela que não saísse sem um cafezinho. E tinha que ser feito na hora. Fresco. Não podia ser da manhã, nem da tarde.*

**Denise:** *Quem falou isso?*

**Ângela:** *A Stella.*

**Denise:** *Mas quem é que falou isso pra vocês?*

**Nair:** *A empregada, a moça que toma conta do irmão dela.*

**Denise:** *E vocês tomaram o café?*

**Ângela:** *Tomamos. E ela fez depressa. Falamos: não precisa não. Mas ela foi fazer, fez questão.*

Entusiasmadas pela experiência de proximidade com Stella, Nair e Ângela juntaram-se à nós novamente e seguimos então até a roça para um almoço oferecido pela comunidade aos visitantes cariocas. Chegando lá, fomos caminhando até a casa de Jupira. A câmera de Ana Andrade capturou os primeiros instantes do grupo do Rio de Janeiro no Córrego dos Januários.



Figura 198 - Grupo do Rio indo para o almoço na casa da Jupira  
(Foto de Ana Andrade)

A chegada na casa com aquele grupo onde éramos esperados para o almoço me foi especialmente significativa. Em muitas viagens, fiquei hospedada ali, muito bem acolhida por Tio Dionísio e Tia Oscarina. E agora, através das filhas Jupira e Joana, sentia como se mais uma vez eles nos recebessem em sua casa...



Figura 199 - Casa da Jupira  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 200 - Toquinha, Fátima, Solange, Elaine, Ângela, Vicente Barros e Luciana  
almoçando  
(Foto de Ana Andrade)

***Vicente:** Para os convidados um grande almoço na casa de Jupira, daqueles de ficar horas sentado na mesa, conversando, comendo, repetindo, e foi tarde a dentro.*



Figura 201 - Vicente Barros, Toquinha, Ângela e Joana  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 202 - Denise conversando com o jornalista Carlos Heitor  
(Foto de Ana Andrade)

Depois do delicioso almoço, fomos para a Casa de Memória e Cultura. Estava ansiosa para mostrar o espaço para todos e especialmente para Solange que durante todos esses últimos meses apoiara intensamente todo o processo de preparação da casa mas sem ver a materialidade em que se transformara os “contos e imagens” do Córrego.



Figura 203 - Grupo do Rio conhecendo a Casa de Memória e Cultura horas antes da inauguração  
(Foto de Ana Andrade)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510406/CA



Figura 204 - Painei "Carta para-ti"  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 205 - Denise e Solange Jobim  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 206 - Balaio que compõe a sala do Clubinho de Leitura  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 207 - Denise mostrando o livro *Carta para-ti*  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 208 - Francisca, Aline Jobim, Denise e Toquinha  
(Foto de Ana Andrade)

***Toquinha:** Um dos momentos que mais me emocionou foi quando você me chamou lá no Clubinho para tirar foto. Estava tudo tão bonito! Foi o momento que eu parei, olhei para vocês e comecei a comemorar. Eu estava tão cansada e preocupada se tudo estava certo, se todos os convidados estavam chegando... Mas ali quando você me chamou eu percebi que tinha dado tudo certo. Que o que tinha sido possível fazer nós havíamos feito, e um pouco do impossível também. Missão cumprida. Foi tudo muito bonito, delicado. Do tamanho que deveria ser.*



Figura 209 - Toquinho  
(Foto de Ana Andrade)

Depois desta breve e emocionante apresentação, seguimos até a capela para a procissão que marcou o início do evento de inauguração.

### 5.9.3 A procissão e a missa: tem início a celebração



Figura 210 - Procissão saindo da Capela São Januário  
(Foto de Ana Andrade)

A comunidade se reuniu na capela de onde sairíamos caminhando até a Casa de Memória e Cultura. A procissão foi organizada pela catequista Jane de 39 anos e era possível observar um enredo naquele ritual onde as crianças tomaram a cena:



Figura 211 - Larissa, Luana, Kelly e Mayara  
Fotos e montagem de Aline Jobim

***Jane:** A gente quis expressar o que os antigos faziam. As meninas representavam as mulheres que lavavam roupas nas minas d'água e usavam panos na cabeça, e os meninos com enxada na mão representavam os lavradores, os pais de família que trabalhavam na roça para sustentar sua família. As crianças estranharam um pouco. Algumas até falaram “Eu acho que a minha avó nunca lavou roupa na mina”, e eu expliquei pra elas que deve ter lavado sim, só que nunca falou disso pra elas, e falei ainda que o “tanquinho” é uma coisa mais nova.*

Ao cair daquela tarde de 30 de agosto, começou a procissão iluminada pela luz do sol que caía e sinalizava a direção da casa. Os estandartes dos quatro santos foram acompanhados por uma imagem de cada um deles. Fui levando a imagem de São Januário. Edervanio ao meu lado, segurava minha dissertação de mestrado<sup>60</sup> enquanto várias crianças levavam os livros que produzimos. A idéia de Toquinha de carregarmos junto dos santos, esses objetos do acervo teve um efeito muito bonito.

<sup>60</sup> Fizemos uma encadernação especial da dissertação que hoje consta do acervo da casa de Memória e Cultura.



Figura 212 - Procissão indo para a Casa de Memória e Cultura  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 213 - Procissão chegando na Casa de Memória e Cultura  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 214 - Guilhermina, Denise, Bela e Adriana colocando os santos no altar  
(Foto de Ana Andrade)

Chegando a casa uma grande missa celebrada pelo padre José Lucas teve início:

*Edervanio: A procissão foi muito linda. A missa, como já é de tradição do meu tio Padre José Lucas, foi muito demorada e teve momentos bem marcantes que enfatizavam acima de tudo a união da Família Januário.*



Figura 215 - Começa a missa  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 216 - Padre José Lucas  
(Foto de Ana Andrade)

*Vicente: A missa foi bem grande, o padre parecia estar tão feliz com aquela festa que não conseguiu parar de falar. Falou, falou...*

O Padre José Lucas foi especialmente convidado pela comunidade para o evento. Sua presença era tão importante que a data da inauguração foi marcada tendo como um dos critérios a disponibilidade do tio de Edervanio estar presente e conduzir toda a cerimônia religiosa de abertura da casa. Parecendo ter comparecido à missa, Halbwachs (2004) diz: “Ainda que um padre deva rezar sua missa na hora certa nada foi previsto quanto à duração exata de seu sermão (p.115)”.

Embora me sentindo ansiosa pela abertura da casa, foi comovente ouvir um sermão em sintonia tão forte com o valor daquele momento. O padre José Lucas conhece muito bem todos do Córrego e sua fala foi marcada por “causos” que evocaram muitos Januários como conta Nair:



Figura 217 - Nair na missa  
(Foto de Ana Andrade)

*Nair: Achei a missa empolgante, belíssima. Aquele padre falando: meu tio, o vovô não sei o que... Ele como memorialista, falando: você lembra daquela vez, aquela coisa, aquilo ali... aquilo não tem preço.*

Aquela celebração também foi preparada cuidadosamente por Dorvalina, irmã de Toquinha. A comunidade participou ativamente de todo o ritual.



Figura 218 - Dorvalina  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 219 - O coral da missa  
(Foto de Ana Andrade)

Aos poucos, foi escurecendo e via ao mesmo tempo com apreensão e alegria as nuvens carregadas se aproximando. Há três meses não chovia no Córrego e os moradores estavam sofrendo com esta situação. Pouco antes do ofertório, Dorvalina colocou a dissertação em minhas mãos e pediu para eu levá-la junto com a oferenda das crianças até o altar. A imagem a seguir mostra um momento difícil de esquecer:



Figura 220 - Procissão do ofertório: Denise leva a dissertação até o altar  
(Foto de Ana Andrade)

Depois do ofertório, Ana Andrade capturou em suas lentes um dos momentos mais significativos de toda a celebração. Os livros e estandartes juntos, colocados como oferenda em frente ao altar, pareciam expressar a síntese daquele momento: uma celebração onde a reverência ao sagrado dialogava com a importância da história e da cultura dos homens.



Figura 221 - No final da missa  
(Foto de Ana Andrade)

No final da missa, o padre José Lucas convidou todos os moradores mais idosos a chegar na frente do altar e criou um bonito ritual, onde cada idoso se tornava padrinho ou madrinha de uma criança como conta José Inácio:

***José Inácio:** Muito beleza que teve lá, eu arrumei até um afilhado. Na última hora, o padre chamou a gente, pros meninos pegar na nossa mão lá. Eu gostei demais de chamar nós mais idoso. E nós foi. O menino pegou na nossa mão e aquilo agora vai até o fim da minha vida, né? Ele vai me respeitar e eu vou respeitar o menino. Gostei demais da conta, uai. Pra mim foi uma felicidade.*

E mais uma vez eu pensava na sintonia daquele momento com o eixo mais emblemático de nossa pesquisa intervenção: provocar o diálogo e o intercâmbio de experiências entre as gerações, valorizar os “olhos dados” entre idosos, adultos, crianças e jovens.

#### 5.9.4

#### Portas abertas: a casa dos Januários é inaugurada



Figura 222 - Toquinha  
(Foto de Ana Andrade)

A cerimônia de abertura da casa foi pensada e conduzida por Toquinha. Ângela Sampaio, dias depois no Rio, sintetizou o momento em que as portas da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários se abriram:

*Nesse momento solene da abertura, ela deu esse caráter solene da fita, eu achei tão bonito. Porque foi tudo colocado assim com uma importância muito grande. De você cortar, e ela falou: ao cortar, eu vou abrir o laço.*



Figura 223 - Padre José Lucas, Denise e Toquinha: Abrindo o laço  
(Foto de Ana Andrade)

**Toquinha:** *Desfazer aquele laço de fita branca foi o ato mais importante que fiz na minha vida. De uma ousadia que só quem tem parceiros de confiança pode fazer. Aquele é um projeto para uma vida. Aquela casa está impregnada de um amor que constrói. E isso veio do meu pai, um homem de uma força incomparável apesar da fragilidade do corpo.*

Mais tarde, Edervanio também rememorou aquela noite: em seus escritos:

**Edervanio:** *Antes da abertura da casa, algumas pessoas deixaram sua mensagem: Fernanda Chagas (Secretária Municipal de Educação), Áurea (Diretora da Escola Estadual Dr Guilhermino de Oliveira), Carmo Lucas (representando a Associação Comunitária), Francisca (Fundação Casa Lygia Bojunga), Solange Jobim (professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio), Toquinha e Denise. Em seguida Padre José Lucas deu a bênção à casa e ela foi aberta. Muitas pessoas se emocionavam com o que viam, também me emocionei muito, mas me contive. Foi muito bom ver uma parte do sonho se concretizando. Sonho esse idealizado por uma brilhante iniciativa de Toquinha e Denise e abraçado por todos nós*



Figura 224 - A bênção da Casa  
(Foto de Ana Andrade)

*Vicente: Chegou o momento da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários ser entregue a seus moradores. Depois de tudo isso, até choveu no Córrego, chuva que não caía lá à meses, abençoando esse trabalho construído, tecido e impresso no diálogo, nas travessias, redinhas e balaies do Córrego dos Januários.*

Em sua análise, Vicente destaca o momento mais crucial de todo esse processo: a entrega da materialidade do percurso de memória vivido com os *Januários* e para os *Januários*.

No ensaio “Museu, literatura, memória e Coleção”, Mario Chagas (2000) concebe o museu como um lugar, *um canto propício para a experiência poética*:

O museu pode ser tanta coisa... mas, entre as tantas coisas que ele pode ser interessa pensá-lo como espaço de encontro, de convivência, de cantoria, de cidadania, de resistência, de lazer e de luta, tendo como pano de fundo a memória e o esquecimento, a preservação e a destruição. Interessa compreender, de mãos dadas com os poetas, que o problema dos museus não está nas coisas e sim naquilo que lhes confere sentido, que o não - tangível é capaz de alimentar o tangível com vida e movimento e que a experiência poética no canto museu pode subverter a ordem museológica estabelecida, criar novas possibilidades de leitura e gerar admiração, estupefação e assombro e com isso produzir conhecimento ali mesmo, no coração do inesperado (p.35-36).

A seguir, em sintonia com esta reflexão do museólogo, apresento algumas imagens daquela noite acompanhadas de impressões colhidas pelos gravadores de minhas colegas de pesquisa Elaine e Luciana e também escritas por Edervanio

dias depois da inauguração, onde procurávamos ouvir os ecos e sentidos produzidos pela comunidade diante da Casa de Memória e Cultura.



Figura 225 - Dia da inauguração  
(Foto de Ana Andrade)

*Dorvalina (irmã de Toquinha): O que mais me marcou no dia da inauguração foi a história contada daquela forma. E ao ver as pessoas admirando o trabalho. Receber pessoas do RJ também foi emocionante, nos sentimos valorizados dessa forma. As pessoas que estiveram lá ficaram encantadas com a exposição. Me lembro quando encontrei o professor João Carlos, que trabalha em Ipatinga, lendo e observando a dissertação de Denise Gusmão. Ele disse pra mim que estava encantado com o projeto, que ele sabia do projeto mas não imaginava que estivesse organizado daquela forma e que nós precisamos divulgar o trabalho. É por isso que eu senti uma felicidade muito grande durante todo o processo que culminou com a inauguração em 30/08/08.*



Figura 226 - Terezinha, Conceição e Elizete  
(Foto de Ana Andrade)

*Tereza Dias: Foi muito bom ver as fotos antigas de pessoas que a gente nem conheceu e saber das contribuições que eles trouxeram para a comunidade. A montagem da casa, dos painéis com as fotos foi bem diferente. Nunca vi nada igual. Os depoimentos que as pessoas deixaram demonstrando seus sentimentos também me emocionou muito. Nós devemos dar valor a nossa cultura. Essa casa pode trazer muitos benefícios para a comunidade.*



Figura 227 - Tio Cândido  
(Foto de Ana Andrade)

*Cândido: Toquinha, eu to tão emocionado de ver o seu trabalho! Começou com você, né? E agora eu chego aqui, uma equipe do Rio! Eu fiquei tão entusiasmado, eu tô tremendo. Eu to vendo aqui os retratos que eu mandei pra você lá de minha casa lá em Manhauçu. Inclusive a imagem do jardim da igreja onde eu trabalhei 36 anos, N. S. das Graças. Tá aqui o Sodofo (Adolfo), o compadre Astolfo, tá a patota toda aqui, foram no aniversário do meu filho. Eu to muito feliz. Ô Toquinha, continua assim, minha filha. Tá a família do Tio Lucas, tão bonito, né, a família do Tio Nestor, o Osvaldo e a Inês, então é uma alegria muito grande? O Sodofo e a Cínica (Nicênia) aqui, então a gente chora, porque é tão bom ver que dá pra chorar. To aqui fora deste Córrego você sabe muito bem, 47 anos que eu to fora daqui. Saí, deixei você menina, mamando aqui pra ver hoje você fazer esse trabalho, dando esse show!*



Figura 228 - Aline, Giliard (de costas), Dulcinéia e Marcos Paulo  
(Foto de Ana Andrade)

***Dorvalina:** A comunidade teve a oportunidade, através da Denise e Toquinha, de entrar em contato com pessoas (ligadas à cultura) que valorizaram a nossa cultura. Isso é maravilhoso. A comunidade se sente importante e aprende muito. Quando as crianças do Clubinho estiveram presentes na PUC PELA PAZ eu pude observar o quanto elas ficaram felizes por levar um pouco da história do Januário para uma das mais importantes universidades do país. Não tenho nem palavras para expressar o que sinto vendo isso acontecer. Gostaria que essas crianças não deixassem de valorizar suas raízes, assim como está fazendo a Toquinha. Nossos pais e avós não fizeram faculdade, mas a sabedoria que eles nos transmitiram é um legado que passará de geração em geração, É uma coisa muito sólida. Foi muito bom receber os cartões postais, foi ótima a experiência de compartilhar das nossas histórias e dos momentos bons que já vivemos, com pessoas sem essa oportunidade, nós nunca iríamos conhecer.*



Figura 229 - Aline, Giliard, Dorvalina, Maria do Rosário e Dulcinéia  
(Foto de Ana Andrade)

***Dorvalina:** A casa onde abriga o acervo da pesquisa realizada por Denise e Toquinho, pertenceu a Bolívar Martinho de Souza e Floripes Cândida de Souza, nossos pais. E me sinto feliz ao ver todo aquele material ali, contando a nossa história. É como se fosse um sonho, do qual me desperto e me dou conta de que é real. Estou realmente diante da nossa casa, repleta da história viva, da qual eu faço parte. Essa casa era o nosso cantinho. Papai faleceu em 30/07/82 e nos mudamos para essa casa em 02/11/82 e em dezembro minha mãe faleceu também. O que vejo nessa casa é o esforço do papai para nos dar um abrigo, apesar de muito novo, com apenas 54 anos, mas já cansado, sofrido, por causa da doença. Várias pessoas trabalhavam como voluntários ajudando-o a desaterro o lugar da construção, daí a razão da casa estar muito próxima à estrada, o desaterro foi feito a mão. Como não temos irmão (homem) ele não tinha ajuda na mão-de-obra e também não tinha dinheiro já que ele era aposentado por invalidez e recebia apenas um salário mínimo para nos sustentar. Eu sinto hoje uma alegria muito grande ao ver o espaço da nossa casa, que foi às vezes espaço de lágrimas, de saudade, ser transformado num lugar alegre e acolhedor. Agradeço a Deus e a todos aqueles que se empenharam nesse processo. Que façamos desse espaço realmente um ambiente de fraternidade e paz. Gostaria que várias pessoas, que já se foram, estivessem aqui para prestigiar o trabalho. Dedé, o seu sorriso marcou para sempre o Projeto Contos e imagens das Roças de Minas, que Deus a tenha.*

As fotos dos fundadores e o livro montado com o material da pasta Museu do Bentoca despertou muito interesse não só para Aloysius, Nair e Ângela pelas referências a Stella Matutina Chaves mas também e principalmente aos descendentes do fundador Joaquim José Ribeiro, ou seja, a quase todos os moradores do Córrego dos Januários.



Figura 230 - Aloysius, Nair, Ângela e Denise com o livro que conta a história da Fundação da Cidade de Inhapim (Foto de Ana Andrade)



Figura 231 - Antônio Inácio, João Donato, Julio e Mônica (Foto de Ana Andrade)

Marlene, irmã de Toquinha, destaca em sua fala, a importância subjetiva de ressignificar o lugar da família na história.

***Marlene:** E através desse trabalho a gente tá sabendo de história que a gente não sabia que existia na nossa família. Então quando a gente descobriu, eu fiquei surpresa, né. Como aquela dos avós ali, como que é Toquinha? Dos fundadores, né, eu não sabia. A gente tá sabendo agora que foi surgindo. A gente sentia assim que a gente era inferior a tudo, eu me sentia aqui, porque meu pai sempre foi uma*

*pessoa assim de dificuldade, a gente não tinha grandes recursos, era sempre com dificuldade. Então a gente se sentia inferior, tinha vergonha de entrar, entrosar, conversar e acabando a gente lá vai descobrindo que não é assim. Lá vai surgindo coisa aqui que tá ensinando a gente a viver. A vida da gente era assim, fechada, e agora tá se abrindo. As coisas lá vai chegando, lá vai conhecendo, lá vai informando e a gente tá entendendo o que foi que começou aqui. Eu achei muito importante.*

Os estandartes e painéis funcionam como suportes de memória no diálogo entre as gerações. Através da aproximação, visual e tátil, adultos relembram. As fotos antigas aproximam e criam elo entre os adultos mais velhos e um tempo não vivido pelos jovens e crianças. Nas narrativas, essas imagens ganham contexto e seus lindos tons preto-e-branco adquirem, nas reminiscências, outras cores, outros sentidos.

A narrativa vai sendo disparada por esses suportes e circula, transita na grande temporalidade e ao alargar a experiência, age a favor da humanização.

Mas a figura do narrador “encarnado” também apareceu naquela noite. Em uma das fitas do estandarte, Seu Agenor é apresentado por Claudia Bandeira: “Seu Agenor; contador de histórias, homem de prosa, brincador de palavras, baú de memórias, todo prosa, todo verso, toda narrativa, todo pleno de si”.

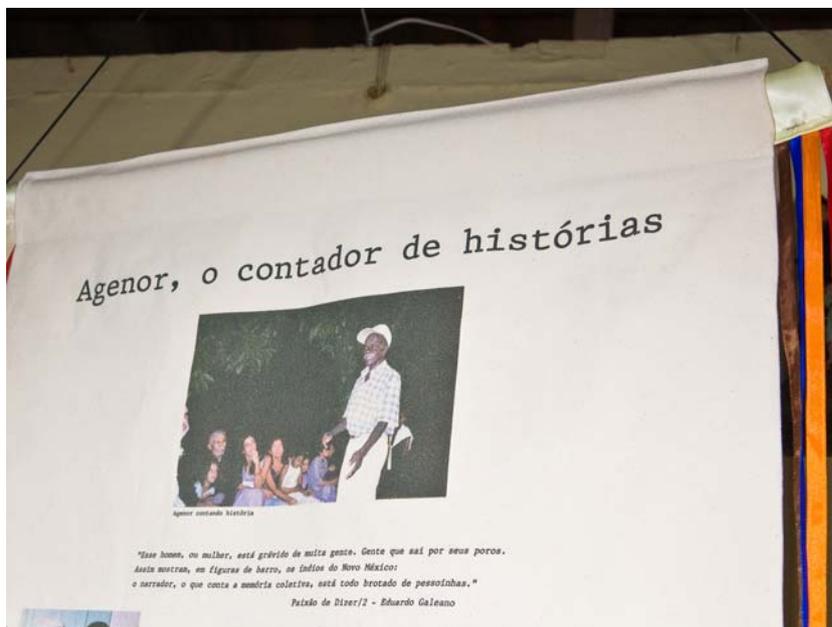


Figura 232 - Estandarte que conta a história do Seu Agenor (Foto de Ana Andrade)



Figura 233 - Denise e Seu Agenor  
(Foto de Ana Andrade)

Durante a seleção do material, uma preocupação minha e de Toquinha era de abarcar nos “contos e imagens”, o maior número possível de moradores. Era importante que as pessoas se vissem ali...

**Marizinha:** *Mas igual, eu achei muitas fotos ali que eu nem imaginava que eu ia ver. Igual a mãe mesmo, o retrato da mãe, eu nem imaginava que eu ia ver um retrato da mãe ali naquele trabalho. Eu falei com as meninas: ali, gente, até a mãe aqui! Trouxe muita surpresa pra gente. Muitas coisas boas.*

**Gilzane:** *Ah, eu achei legal que teve as fotos que a gente fez, as fotos que a gente tirou, da gente mesmo tirando as fotos lá. Tudo foi guardado, né, eu achei que certas coisas também já ia esquecer. Eu achei que nem tudo, não ia usar tudo, ia usar só as principais coisas e usou tudo, eu vi as fotos lá.tudo teve o seu lugar, tudo teve um lugar especial pra ele.*

**Marcelo:** *A gente imaginar que às vezes podia ser daquele jeito a gente imaginava, mas que ia ser tão bem bolada a coisa a gente não imaginava não. E aquelas fotos lá que foi feito, que foi colocado, né, e o que tá lá escrito, né, mostrando pra gente uma coisa que emociona a gente, né. É uma coisa simples, né, mas é uma coisa que, parece que aquilo ali é uma coisa da gente, sabe. Eu sinto parece que é uma coisa da gente. Então a gente participando e vendo uma coisa que parece que é da gente com certeza a gente se sente bem, né.*

A foto de “Marcelo no cafezal” está no estandarte “Terra e Memória”. Esta mesma imagem se tornou postal e Marcelo pode ler sua correspondência agora colocada no envelope com seu nome no painel “Carta para-ti”.

**Marcelo:** *O que eu não esperava de encontrar é justamente eu lá, né? Eu achava que ia ser assim às vezes só lá um retratinho não esperava que ia ser do jeito que*

*foi lá não. Imaginava que ia ser bacana, mas não tão bacana pra mim. Eu me emocionei muito, não sei como é que fala, numa resposta do que eu falei. Uma retribuição de umas palavras de alguém que eu não conheço. A gente não sabe escrever muito bem, mas eu senti que o que eu escrevi lá fez sentido pra alguém.*

Durante o evento, a equipe do projeto Comunicar gravou muitas entrevistas. Aurélio conversou com Juninho, um dos meninos mais atuantes no Clubinho de Leitura, e lhe perguntou o que tinha mais gostado na Casa de Memória e Cultura:



Figura 234 - Juninho na noite da inauguração sendo entrevistado por Aurélio da TV PUC (Foto de Ana Andrade)

**Juninho( 11 anos):** *Foi muito bom, né, por causa, assim, ter um lugar em que nem muitos lugares da roça não tem. Tipo um museu, que aqui vai ser um Clubinho de Leitura. Porque quando a gente tiver velho aí a gente já vai ver nas fotos de quando a gente era criança, das pessoas que a gente já conheceu aqui. Os estandartes ali tem cada um que conta a sua história. Tem o da escola, tem um da escola de cima e outro da escola de baixo algum tempo atrás com o Bastião (motorista da escola) como ele carrega a gente até hoje. Também gostei muito dos santinhos. Cada quarto tem o seu santinho, e cada lugar aquele tipo de estandarte, pra proteger esse lugar. Cada quarto que tiver tá protegendo ali, não vai deixar nada invadir, nada pegar fogo, né?*



Figura 235 - Estandarte e Imagem de Santana

Como muito bem disse Vicente, naquela noite de 30 de agosto de 2008 a casa foi entregue aos moradores do Córrego. Juninho ao evocar a proteção dos santos revela sua consciência de que aquele espaço agora é um patrimônio precioso de todos e precisa ser protegido, cuidado. Mas é preciso também lembrar e evocar a proteção e ação dos próprios Januários, os donos dessa Casa de Memória e Cultura:

***Edervanio:** Foi tudo muito divertido, demos entrevista a TV PUC, dançamos forró e tiramos muitas fotos. Agora é trabalhar e lutar pela continuidade desse trabalho para que possa trazer muitos benefícios para nossa comunidade. Eu, como voluntário, me sinto muito honrado em participar, pois amo o lugar que nasci e sempre estarei disposto a trabalhar em algo que traga benefícios para esse lugar. É prazeroso ver as nossas crianças aprendendo a ler, as pessoas mais velhas contando histórias antigas. Afinal, é bom ver, sentir e participar da corrente que este trabalho gera...*



Figura 236 - Edervanio, Jorge, Rita, Carlos Heitor, Aurélio, Dayane e Toquinha no dia da inauguração  
(Foto de Ana Andrade)

Termino este percurso de memória com o bonito depoimento de Marcela e reafirmando que a materialização da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários só foi possível devido a esta sólida rede de pessoas e histórias que se manteve de “olhos dados” ao longo de toda a jornada.

*Marcela: No dia da inauguração, tudo se concretizou de uma linda forma, uma simples forma. Eu estava íntima da festa, das pessoas, das crianças e da casa que também era um pouco minha. Fiquei muito encantada de ver como aquela produção de textos e imagens impressas de maneira tão cheia de tecnologia refletia a vida de cada um que visitou aquelas salas. Os olhares encantados confirmavam o reflexo e ampliavam a atualização dos relatos e diálogos impressos. Entendi que o registro e a revelação dos contos e imagens davam vida as pessoas e ao futuro só pelo brilho que geravam nos olhares. Assisti muitos choros, até São Pedro chorou! Que as águas nos abençoem sempre com a fartura!*



Figura 237 - Solange Jobim, Denise, Vicente, Marcela e Giuliano (Foto de Ana Andrade)